

ANNO II

BAHIA

NUMERO 2

REVISTA DE

EDUCAÇÃO

(ORGÃO DA DIRECTORIA GERAL  
DE INSTRUÇÃO E DA ASSOCIA-  
ÇÃO BAHIANA DE EDUCAÇÃO)

FEVEREIRO DE 1930



BAHIA—1930  
Livraria e Typographia do Commercio  
Rua Silva Jardim 35 — Telep. C. 1260



## O DIA DA PATRIA

Conferencia realizada no INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA,  
pelo Prof. Aristides Novis, na Semana da Educaçãõ.

---

*Senhores:*

Graças sejam dadas á Associação Brasileira de Educação pela iniciativa feliz de consagrar todo este setenario ao culto ideal que reúne em toda a vastidão do territorio patrio os pioneiros do Brasil-Maior, a nata substanciosa de sua intellectualidade, em torno a fé que mais a mais se corporisa e robustece entre as nações cultas de que o indice do progresso e da civilisação dos povos decorre, naturalmente, do nivel educativo por elles attingido.

Applausos sejam trazidos vehementes, ao Departamento da benemerita Associação na Bahia, pelo edificante exemplo que ella dá, syntonizando com a sua matriz no proposito de tambem interessar a alma em flôr da mocidade bahiana no sympathico movimento de hygienizaçãõ social que ora se busca difundir, sem outra mira que a de todas as conquistas, na orbita altamente moralizadora da educaçãõ e do civismo.



sume as aspirações do homem civilizado, em face aos mais nobres e sadios ideaes de liberdade.

A republica é das formas de governo a mais conciliadora com os interesses humanos, porque não reconhece castas nem distincções, e aos cidadãos estreita no mesmo amplexo fraternal, emquanto se fazem dignos dessa intimidade, de facil conservação, aliás, com o respeito e o acatamento ás leis. Realmente, segundo allega Bossuet—“a republica é um regimen em o qual ninguem se sujeita senão á lei e a lei é mais poderosa do que todos os homens.”

Logicamente, está-se a deduzir, com as vantagens do regimen, os perigos a que o mesmo nos expõe, se aos forjadores das leis, que são os homens, viér a faltar o mais elementar e basico de todos os requisitos republicanos, hauridos da educação, e synthetizados por Montesquieu, ás paginas magistraes do “Espirito das Leis”,—na chamada *virtude cívica*, isto é, no culto religioso da Patria, na devoção aos seus salutaes preceitos, na espontanea renuncia aos interesses pessoais, postos sempre aquem dos altos interesses da collectividade, “no permanente sacrificio do individuo ao Estado”, no desprendimento emfim, senhores, com o qual os verdadeiros patriotas, elevados ás culminancias do mando, revelam a sua vocação politica,—não ao sabor imperialista, que nenhuma virtude propria transfere ao rigorismo das leis porque elaboradas para os outros,—mas ao sabor da formula republicana, perante a qual o cidadão sente em cada traço de suas sentenças comminatórias a ponta presaga



do cilício que lhe haverá, talvez, de pungir, amanhã as próprias mãos, que as leis teceram,—porque a lei é para todos...

A Republica para ser fiel ás normas democraticas, toma por base, como vimos, a virtude civica. Esta, porém, requer, segundo MONTESQUIEU, um lastro de virtudes outras, que convem conhecidas por quem se proponha a educar a consciencia nos moldes rigorosos do regimen.

Bella coisa é o conceito da igualdade, no particular. Ella nivéla os homens entre si, excepção para o ideal de bem servir á Patria, perante o qual se applaudem e se justificam as competições, sem logar, contado, para a inveja, que não pode existir entre dois credores embora desiguaes se o que mais rendeu reconhece ao outro uma somma equivalente de esforços, desenvolvidos para o mesmo fim.

Vem, em seguida, virtude analogo:—o amor á pobreza ou o desprendimento á riqueza. Como vive nisto desvirtuado o nosso regimen!... A pobreza assume aqui dois aspectos varios:— ou ella existe por culpa do poder publico, com as suas tributações excessivas, ou por disposição voluntaria do individuo, que aliena muitas vezes, uma fracção do seu possível conforto por aquella noção da liberdade contida na phrase de BOSSUET;—*«nada é mais livre do que o homem que sabe viver do pouco»*. Os primeiros são incapazes de quasi virtude alguma porque sua pobreza faz parte de sua servidão. Os segundos, po-



rém, podem fazer grandes coisas porque esta pobreza faz parte de sua liberdade». (Fagnesi).

A terceira virtude é a frugalidade, que impede ao cidadão de malbaratar a fortuna privada, contentando-se com o necessário para si, em benefício da fortuna pública, applicavel em festas e na sumptuosidade de monumentos para regalo dos seus instintos artisticos.

Eis, pois, as tres condições, ás quaes não iria mal considerando-lhes a relevancia admittida,—o baptismo de *tripeça vital da Republica*. Fóra deste programma,—a Republica degenéra no despotismo.

Certo estou de que fiéis ás normas deste catholicismo, a ponto vos achareis de disputar, como legisladores, o premio das virtudes civicas, segundo o franco aviso do illustre philosopho e publicista francez.

E nem se acoime de precoce a esse estímulo que vos traz um mestre, ainda crente na regeneração dos nossos costumes politicos. A precocidade é palavra que desafina justo ao vocabulo educação, pois, nunca é cedo para educar-se.

Sois muito jovens, é verdade, mais, ainda aos albôres dessa madrugada em que vos despertaes para a vida, ter-vos-ão, por vezes, penetrado as oigas quando voltadas casualmente para a politica, rumores e recriminações acerca de vultos e factos da Republica.

Ora, não ousou attribuir cauza outra ás convulsões e crises regionaes, de cujas consequencias ainda hoje se resente o organismo nacional, senão ao la-



mentavel descuido de paes e mestres no tocante ás paginas de favor concedidas ao civismo nos programas da educação.

«*E' mister que a Patria seja sentida na escola*», (Michelet) — O apparelho do civismo requer treino intenso e assiduo. Descural-o é crear essa modalidade de insufficiencia moral, de funesta repercussão nas attitudes do homem publico; é promover uma doença social cuja prophylaxia se impõe, immediata, para pormos côbro definitivo aos excessos de ambição, symptomaticos da perversão dos principios republicanos, perante os quaes, muito ao envez disto, é a Patria credôra privilegiada das nossas attentões, dos nossos zelos e das nossas preferencias.

Já se vê que está isenta da censura aquella dóse discreta de ambição, sem a qual se assentaria o homem enfastiado, no banquete da vida e, portanto, necessaria, como o appetitivo do viver. Jamais, porém, a ambição immoderada, aquella que resvalando pela cupidez, estampa a caricatura da outra, — para vergonha da especie.

Contra esta é que a sociedade brasileira cumpre apurar a sua vigilancia e, oxalá, possam estes certames de educação periodicamente repetidos inocular em vós outros, que sois em politica, a suave perspectiva do Brasil de amanhã, anti-virus especifico destas paixões damninhas que, falseando as juras á nossa Carta Magna, turvam, quaes as nuvens do inverno, a limpidez do senso moral, com o gravame da prolificidade, que cria typos authenticos: — na cu-



riosa variante dos *proselytos incubados* e dos *scepticos irreductiveis* ante o mal sem cura; dizem elles,— a perversão dos sentimentos políticos.

De uns e de outros a identidade é facilima:— os primeiros, os *proselytos incubados* da traficancia administrativa, apparentam nas maneiras as mais honestas intenções; são fortes e implacaveis na biographia dos seus discolos, contra os quaes o cautério das objurgatorias e das diatribes lhes não vence pelo cansaço a ponta sempre afiada da lingua malévola. Mas, ao cabo do accésso explosivo, enternecem para nós outros o olhar e resmungam entre dentes a primeira verdade na phrase derradeira: «*eu é que não acho disto*»...

Quanto aos *scepticos irreductiveis*, após uma breve narrativa escabrosa, voltam-se para a praxe iniqua de sua resignação, que os manda repetir automaticamente:—«*isto é um paiz perdido*»... phrases, ambas, abjectas, porque attentam contra a moral e contra a Patria, com a vantagem unica de vos servirem de marco para a distancia a guardar destes infieis se descrentes elles se conféssam, respectivamente, da honra e da regeneração civicas.

Cuidado, pois, meus amigos, com os trahidores da consciencia republicana. Lembrae-vos sempre de que na educação reside a therapeutica dessa gafeira nacional. Que se tornem em realidade os votos de KANT,— o inelyto philosopho, para quem «o ideal da educação não deveria consistir em se crearem os filhos conforme o estado presente da especie humana mas,



conforme a idéa de um estado melhor, possível no futuro, isto é, conforme a idéa da humanidade, nos seus completos destinos».

Nós vos concitamos, cidadãos de amanhã, a empunhardes o labaro restaurador da moralidade do regimen.

### ASPECTOS BIOLOGICOS DA DEFESA NACIONAL

Os nossos deveres para com a Patria a cargo da educação civica não ficam, porém, restrictos a essa defesa em familia, qual a que acabamos de expôr.

Só o espirito de rotina surprehender-se-ia, no pensar de Ingenieros, se o lóbo volvesse sozinho de uma commissão com o cordeiro.

Realmente, os germens da ambição transpõem as fronteiras, e se quizerem ser logicas as nações com o criterio scientifico que as assimila ás organizações vivas, precisam de apparelhar-se contra possíveis e desagradaveis emboscadas.

E' que a vida, por onde quer que communique á materia sua scentelha encantada, offerece-nos a perspectiva de perigos envolventes e ameaçadores.

Da cellula ao tecido, deste ao organ e do organ ás pessoas, um arsenal admiravel de defesa é a cada instante solicitado para restabelecer o equilibrio ao metabolismo, tão depressa recuperado, quanto novamente perdido. Dahi,—as duas definições paradoxaes: *a vida é a criação;—a vida é a destruição.*



Estudando as causas finais em biologia, Richet perscruta nas peças da entrosagem organica alguma coisa acima da sua simples utilidade, que é a finalidade, a razão occulta que as fizeram apparecer para o desempenho de uma funcção determinada. E, no particular, a vida é uma serie infinita de flagran-tes bellicosos. Na constituição anatomica reside a de-fesa passiva;—nas reacções **physiologicas** a defesa activa. O mesmo crustaceo que habita a fortaleza ambulante da carapaça que o reveste, deixa em mãos do aggressor a pata apprehendida, em troca de sua libertação. É o phenomeno da autonomia. Exemplos que taes podemos ainda reconhecer no mimetismo,—nas suas formas chromatica e acustica, conforme logra o animal confundir-se com o meio, reproduzindo-lhe as cores ou respeitando-lhe o silencio. Borboletas ha que estampam nas azas a carantonha das corujas, fazendo-se, dest'arte respeitar pelos pas-saros da ambiencia; deste feito são as do genero *caligo*, interessantes patricias nossas, celebradas por Le Dantec.

Os mesmos requintes de protecção vemos na dispo-sição dos nossos organs, contidos na trama corporal com os resguardos proporcionaes á hierarchia dyna-mica:—a emballagem das veias não é a do cerebro ou da medulla. Em these, obedecem a estrategica de uma praça militarmente organizada. O sangue, ao surdir dos vasos, coagula-se, improvisando, muitas vezes, uma rolha para a parte que sangra. As funcções vegetativas acódem-nos, a cada instante, contra os



effeitos dissolventes da inanição, que levam á morte. As funções de relação, pelos nossos sentidos, nos descortinam a vida pelo sendal da actividade fecunda que conduz ao trabalho, o qual nos compensa das suas durezas,—furtando-nos ao degedo e ao isolamento dos outros homens.

Mais onerosos são os tributos que pagam os sêres vivos á conservação da especie. O amor é artigo de alto preço no mercado da vida, e quanto tem custado á humanidade o resgate de suas dividas!... Aqui tambem, a temperança, producto da educação, deve oppor-se ás seducções da gula, concentradas a nossa intelligencia e a nossa vontade na lucta contra as tyrannicas imposições dos instinctos, representados na imaginação de Tourguèneff por dois temiveis demonios que pleiteiam a direcção aos destinos do mundo: — o Anjo da Fome e o Anjo do Amôr: — «a vida do individuo regida pelo demonio da Fome, a vida da especie pelo demonio do Amôr,— o demonio da especie,— dizia Schopenhauer. (Richet).

Tão visceralmente ligadas se acham as funções vitaes aos apparelhos da defesa organica que, nem sempre velamos consciencientemente pela nossa protecção. Em regra, podemos affirmar-o, os reflexos defensivos são automaticos. Tal não acontece, porém, com a dôr, assimilavel á protecção, sob a forma intelligente. «E uma superposição psychica aos reflexos protectores subconscientes». (Luciani).

Mais sensivel á dôr é o animal do que o homem. O camponeo o é menos do que o culto



morador das cidades, e se o cerebro descamba para a demencia, transfere a dôr sua tonalidade para um diapasão menos agudo. Tudo isto documenta a allegação de ser ella,—a dôr, a forma intelligente da defesa. Sua simples lembrança constrange-nos á limitação de certos movimentos, prejudiciaes, talvez, não fossemos nós os escravos destes freios invisiveis...

\*\*

As breves considerações acima consignadas abrem-nos largos horisontes no concenente á questão actualissima da defesa nas nações.

E' certo que a civilisação apára as aréostas de ferocidade ao *homo stultus*, apresentando-o ás conferencias pacifistas nas linhas elegantes do *homo sapiens*, com promessas formaes de guerra á guerra e solemnissimos protestos de solidariedade para com a paz universal. Mas, é de nossos dias o testemunho da maior hecatombe humana, que foi a guerra européa, tendo por protagonistas os mesmos adeptos actuaes do pacifismo á outrance. E' natural que assim o seja. A dor prolonga o passado, e esta foi tamanha, que por largo tempo o Anjo da Paz adejará sobre o mundo, cansado de lutar. Este,—o sincero e verdadeiro pacto da Paz—o pacto da Fadiga...

Não creio na esterilização convencional dos microbios da guerra. Como para os germens das doenças, ha, em verdade, para elles, uma medicina phophylactica que lhes abate a virulencia, e que vem



a ser a hygiene da diplomacia bem orientada. Por melhor orientada, porém, ella não dá direito a que se tranquem os arsenaes, como a outra não autorisa tão pouco a que se extinguam os desinfectorios, onde o ferro e o fogo se armazenam, para castigo dos infractores, nas incursões epidemicas.

Com taes exemplos devem as nações tambem se premunir contra possíveis ultrages á sua soberania, ao léo da virulencia dos homens movidos pelas paixões.

A idéa do desarmamento nada mais é do que a confissão declarada dessa desconfiança votada pelos homens a si proprios. Máo grado as promessas de cordialidade, o appetite bellicoso remanesce. A prova é que admittem a solução infantil de se não ferirem por falta do instrumento vulnerante. O desarmamento é, de facto, uma convenção que não seria mal traduzida num quadro em o qual dois ou mais individuos, reconhecidamente turbulentos, tivessem os braços atados e trocassem entre si esgáres de odios insatisfeitos.

As difficuldades do ideal pacifista não se contornam pelas leis da physica, mas pelos codigos da bôa moral, e a proposta desarmamentista nada tem de moral, porque — anti-biologica. Longe de nós a dissonancia com esse ideal, a mais legitima das aspirações na dignificante esphera da solidariedade humana. E a alma brasileira é eloquentissimo padrão das tendencias para a Paz. Lá estão ellas, estas



tendencias, honrando a nossa Constituição, na prohibição ás guerras de conquista.

Os processos é que hão de ser cutros para se attingir o pacifismo. Organizemos, *ab initio* a nossa defesa militar. A Patria não haverá de ficar, ante possiveis refrégas, em situação inferior a da améba que inventa musculos ao protoplasma para esmagar e destruir os elementos que attentam contra a sua integridade, nem em condição mais precaria que a da phalena doidejante protegida pelo insticto de conservação contra as trefegas mãozinhas innocentes, que se comprazem e se divertem com o seu martyrio, nos jardins.

Treinemos-lhes nervos e musculos para a sensibilidade e para a mobilização, se preciso fôr. Consolidemos-lhe as reacções vaso-motoras do briô, na promptidão das esquadras, em soccorro ás nossas costás desamparadas e levemos até o coração do Paiz, novos estímulos reaccionaes,—os mais expressivos dentre todos os indicios da vitalidade.

Povoemos os nossos céos e os nossos mares com as machinas modernas da destruição e da morte, com os aviões e com os submarinos, e nada será superfluo, senhores, como expressão dessa lucta ingente, encarnçada e terrivel que nos cabe travar, sem treguas, agora mais do que nunca, pela Paz, pela euphoria universal, por esse ambiente divino que vale pelo mais propicio dos climas á pujante expansão da ordem e do progresso das nações.

Mantenha-se, porém, a liberdade integral no



terreno das competições armamentistas. Marchamos para a confraternização da humanidade, mas é cedo ainda para a féra humana perder o faro agreste dos seus instinctos selvagens. Se já somos irmãos, tanto melhor, pois que nunca um irmão tolheu ao outro o uso da gymnastica, ou o porte de uma arma perigosa, com receio de aggressão. Ademais, o noviciado militar tem suas vantagens indiscutíveis. Elle é um tónico da enfiibratura organica, com a mais benefica repercussão sobre a saúde do corpo e da raça.

O homem verdadeiramente civilizado não conhecerá a guerra, porque, com os derradeiros estygmas da barbarie, as suas ambições de conquistas terão sido totalmente suffocadas ao peso de seculares e dolorosas provações. O cataclymo europeu acaba de preparar o mundo para a anaphylaxia da guerra. O amor patrio sublimado pelo tempo e caldeado pelo soffrimento, transbordará a taça ardente dos corações, derramando-se em symbolos de acendrado civismo, dilatado já então em tendências effectivas por outras patrias, base do respeito mutuo,—o mais alevantado escôpo da politica internacional. Ou a civilização ha de impor essa politica ou será, como tem sido, uma simples dissimulação da barbarie. Mas a guerra,—«megéra homicida mascarada de gloria»,—ha de passar, não pelo imperio das convencões politicas, inconsistentes e fallazes, mas pelas injuncções de um individuo para a especie, desprendendo-se em seu longo percurso,—do odio que o induz ao mal, para o amor que o



incita para o bem e para o perdão. E' o *sentido da dor*, integrado por essas alturas de nossa *via crucis* na magestade da sua finalidade psychologica.

Este,— o grande remedio, ainda em maceração com as nossas lagrimas, para as seguranças da asepsia moral,— base indeclinavel da Paz, nas relações diplomaticas do porvir:

Por emquanto,— serà outro o remedio. O homem não soffreu ainda o bastante para ser bom e justo, e, pois, para a suprema graça de firmar com os seus semelhantes o pacto inviolavel da dôr. O monstro execravel da ambição tem ainda interessadas as fauces hiantes no reflexo das procellas internacionaes.

Qual o nosso papel? Prevenil-o, com altivez. Ou enfrental-o, com denodo, mercê das reservas de civismo que adornam desde o berço a alma brasileira e ora se robustece ante as nossas esperanças, como o objecto de uma cultura especializada, ao serviço da Nação. O segredo do successo está ao vosso alcance.

Tomae-o ás vossas virtudes moraes. E' nellas que a Patria confia e descança, ao celebrarmos grandeza deste dia, que é vosso, porque é seu.

Do bom exito da empreza, estejamos convictos. Assim lhe seja dado desfructar, na doçura de vossos corações, aquella seiva santa que as bôas causas faz medrar, para a gloria, á sombra augusta deste Pantheon...



INSCREVEI-VOS NA  
ASSOCIAÇÃO BAHIANA  
DE EDUCAÇÃO



## PORQUE «ESCOLA NOVA»?

*Anisio Spinola Teixeira*

Eu me proponho a discutir, hoje, aqui, o seguinte problema: Porque escola nova? Porque toda essa agitação transformadora, e tão custosa!.. de praticas e habitos já tão queridos e que vinham dando os seus resultados? Porque não satisfaz, nem pode satisfazer a «escola velha»?

### MOTIVOS SOCIAES DA RENOVAÇÃO ESCOLAR

#### **Natureza da civilização moderna**

Para responder a essa pergunta, devemos, antes do mais, voltar os olhos ao derredór de nós e inquirir: que há de novo no mundo? Vivemos nós hoje como viviam os nossos antepassados?

O cuidado benevolente de um amigo levou-me, outro dia, a visitar, em São Paulo, o museu Ypiranga, o famoso museu paulista de historia e sciencias naturaes. Em uma de suas salas o observador encontra, construida em gesso, com um detalhe e uma perfeição notaveis, em miniatura, a cidade de S. Paulo, em 1840. Apenas 89 annos atraz São Paulo era uma cidadezinha sertaneja, de casinhas brancas e solares coloniaes, com algumas igrejas e conventos a assommarem, aqui e alli. Na longa galeria que



nos levara até essa sala, alinham-se as «cadeirinhas» que serviam de transporte á sua gente fidalga.

A quem se detivér na observação, e quizer fazer nascer alli, numa reconstituição imaginativa, o S. Paulo moderno, não lhe parecerá menos que milagre a immensa mudança.

O «progresso» tomou conta da cidade e fez della o que ella é hoje. Mas, que é «progresso»? Na imaginação popular é nelle que se resume o caracter da civilização de nosso tempo. E em «progresso» ella vê mais que tudo a transformação *material* do mundo. São as casas maiores e mais confortaveis. E' o transporte mais rapido e mais barato. São as ruas mais bonitas. E' a diversão mais interessante e mais accessivel. E' a luz e agua mais faceis e melhores. São os jornaes e as publicações mais numerosos e mais bem feitos.

Mas é isso, tudo que faz o nosso tempo tão differente do tempo dos nossos antepassados de 1840? E' isso e mais alguma coisa.

Porque progredimos? Que foi que se deu no mundo para que podessemos, em tão pouco tempo, mudar tanto que um romano teria menor surpresa em se encontrar na côrte de Luiz XV, do que teria um contemporaneo de Pedro I que surgisse hoje no Rio?

O que se deu foi a applicação da sciencia á civilização humana. Materialmente, o nosso progresso é filho das invenções e da machina. O homem conseguiu instrumentos para lutar contra a distancia,



contra o tempo e contra a natureza. A sciencia experimental na sua applicação ás cousas humanas permittiu que uma serie de problemas fossem resolvidos e que crescessem essas enormes cidades que são a flôr e o triumpho maior da civilização.

Mas, não foi só isso. O facto da sciencia trouxe consigo uma nova mentalidade. Primeiro, determinou que a nova ordem de cousas de estavel e permanente passasse a dinamica. Tudo está a mudar e a se transformar. Não ha alvo fixo. A experimentação scientifica é um methodo de progresso litteralmente illimitado. De sorte que o homem passou a tudo vêr em funcção dessa mobilidade. Tudo que elle faz é um simples ensaio. Amanhã será differente. Elle ganhou o habito de mudar, de transformar-se, de «progredir», como se diz. E essa mudança e esse «progresso», o homem moderno o sente: é elle que o faz.

Elle constróe e reconstróe o seu ambiente. E cada vez elle é mais poderoso, nesse armar e desarmar de toda uma civilização. Nesse seu grande afan, por tudo transformar, pareceu, á primeira vista, que só a ordem material era attingida.

A ordem social e moral, essas eram eternas e obedeciam a «verdades eternas» que não soffriam os choques e contracchoques da sciencia experimental.

Mas, o homem é mais logico do que os seus philosophos.

Com a nova civilização material, feita e governada por elle, começou a velha ordem social e moral a se abalar. Mudou a familia. Mudou a com-



munidade. Mudaram os hábitos do homem e os seus costumes. E raciocinava-se. Si em sciencia tudo tem o seu *porque* e a sua *prova*, prova e porque que se encontram nos resultados e nas consequencias dessa ou daquella applicação; si em sciencia tudo se subordina á experiencia, para, á sua luz, se resolver,—porque tambem não subordinar o mundo moral e social á mesma prova?

E é nisso que está a maior transformação de nossos dias.

Si fosse somente o quadro externo da civilização que estivesse a soffrer as mudanças de uma ordem material essencialmente dinamica, não teriamos sinão pequenos problemas technicos de ajustamento. No fundo teriamos a mesma civilização de nossos avós, com a differença de nossa riqueza. Ontem cem de nós gozavamos vantagens materiaes de conforto, de bem-estar, de prazer, hoje cem mil de nós tinhamos essas vantagens. Mas, o homem era o mesmo, com os mesmos hábitos moraes, as mesmas docilidades á autoridade e o mesmo sentimento de permanente dependencia ás cousas invisiveis que o governavam e dirigiam.

Não é isso, entretanto, que succede. O periodo de revisão e reconstrução é muito mais profundo e mais universal. O homem está com responsabilidades novas em toda a sua vida. Elle ensaia no mundo moral e social, sinão com a mesma audacia, por certo, sob o influxo dos mesmos principios que lhe permitem experimentar no mundo material. Só um



esclarecido e nitido *porque*, por elle visto e por elle sentido, lhe podem determinar a sua acção. A velha ordem, pre-estabelecida, e que lhe era dictada pela autoridade, seja ella religiosa ou tradicional, não lhe merece já respeito.

O homem, assim como está reconstruindo o ambiente material em que vive, quer tambem reconstruir o ambiente social e moral, á luz dos mesmos processos de julgamento e de experiencia: o seu beneficio na terra onde vive.

Nessa nova ordem de mudança constante e de permanente revisão, duas cousas resaltam que alteram profundamente o conceito da velha escola tradicional:

A. Precisamos preparar o homem para indagar e resolver por si os seus problemas;

B. Temos que construir a nossa escola, não como preparação para um futuro conhecido, mas para um futuro rigorosamente imprevisivel.

## TENDENCIAS DA CIVILIZAÇÃO DO NOSSO TEMPO.

Si a natureza da civilização do nosso tempo é o de uma civilização esteiada na experimentação scientifica, e, como tal, animada de um permanente impulso de movimento e continua reconstrução, nemi por isso deixam de existir certas grandes tendencias, mais ou menos fixas, que marcam as linhas geraes por onde a nossa evolução se está processando.

A primeira dessas directrizes, deixamol-a apon-



tada na nova attitude espiritual do homem. A velha attitude de submissão, de medo e de desconfiança na natureza humana foi substituida por uma attitude de segurança, de optimismo e de coragem diante da vida. O methodo experimental reivindicou a efficacia do pensamento humano.

Por certo, não substitue elle o velho dogmatismo das «verdades eternas». Antes toda verdade passou a ser eminentemente transitoria. Mas, dentro dos limites da prova experimental, o que o homem pensa está certo. Um facto novo, uma prova mais cabal e experimental é que se corrigiu a si mesmo. As suas conclusões podem ser e são falliveis, mas o methodo é sempre digno de confiança. O acto de fé do homem moderno esclarecido não repousa nas conclusões da sciencia, repousa no methodo scientifico. Elle é que está dando a nós, modernos, um senso novo de segurança e de responsabilidade. De segurança, porque, graças a elle, podemos construir a civilização progressiva que estamos iniciando, toda feita pelo homem e para o homem. Porque, graças a elle, ganhamos o governo da natureza e dos elementos e podemos ordenal-os para o maior beneficio do homem. Temos ainda inimigos—somos ainda vencidos,—ahi temos as molestias e os cataclysmas—mas sabemos porque somos vencidos e temos esperança de dominar e de conquistar, um dia, esses ultimos obstaculos.

Esse «novo senso de segurança» e de independencia é acompanhado de um novo sentido de



responsabilidade. O homem moderno sabe que *pode* mudar as cousas e sabe que *deve* mudal-as. O homem antigo podia ser um irresponsavel. A ordem em que elle vivia lhe era dictada por aucto-ridade estranha e superior. A vida era um castigo e o homem era máo, viceralmente máo. Tudo era permittido. Tudo se tolerava. A um homem fraco e máo e a uma natureza inclemente e aspera, não havia limites a criar.

Nem sempre podemos vêr com a clareza que o caso exige, como só agora, o progresso, o real progresso do homem começa a ser possível.

Quantos de nós ainda crêmos que a vida não mudará essencialmente, que a guerra sempre estará entre nós, que o crime e a molestia sempre flagellarão o homem! Entretanto, quando percebemos que só ontem começamos a progredir, que não conhecemos ainda nem o decimo millionesimo do que poderemos e precisamos conhecer, que estamos realmente iniciando uma «nova ordem de cousas», como vemos, pelo contrario, que só um sopro de robusto e organico optimismo é que nos deve animar diante da rapidez com que o homem está refazendo a vida, para sua maior tranquillidade, seu maior bem estar, sua maior dignidade e a sua maior felicidade.

Outros poderão achar que, em outros tempos, nesses outros sempre dourados tempos do passado, o homem foi mais sacrificado e mais honesto. De mim, eu só reconheço um credito aos que me pre-



cederam: elles soffreram mais do que nós e por isso tudo lhes deve ser perdoado.

Maior sinceridade, porém, um desejo mais lucido pela effectiva melhoria da vida do homem na terra, um sentido de responsabilidade mais agudo pelo que resta a fazer, um espirito maior de sacrificio e de heroismo pela conquista objectiva do progresso,—ninguem os teve como os tem o homem moderno.

E' essa a nova attitude espiritual: a sciencia tornou possivel o bem do homem nesta terra e nós temos a responsabilidade de realizal-o, pela revisão completa da velha ordem tradicional do "valle de lagrimas". Esse novo homem, independente e responsavel, é o que a nova escola deve vir preparar.

A segunda grande directriz da vida moderna, é o industrialismo, como a nova visão intellectual do homem, tambem filho da sciencia e da sua applicação á vida.

A industria está tornando possível a completa exploração dos recursos materiaes do planeta e mais do que isto está articulando e integrando a terra inteira. Graças á machina, não somente, o homem multiplicou o rendimento de seu trabalho—na America, o trabalho actual de um homem equivale ao de 40 homens physicamente validos, como, pela facilidade do transporte e da communicação, criou uma nova interdependencia entre todos os pontos do globo. Não somente somos immensamente mais ricos. Temos além



disto um sentimento novo da nossa profunda dependência dos demais centros de produção ou de cultura.

A indústria está integrando o mundo inteiro em um todo inter-dependente. Não só a matéria-prima, mas a idéia e o pensamento hoje são propriedades communs de todo o homem. O vapor, o trem, o automovel e o aeroplano, como o telegrapho, o telephone e o radio, põem todo o mundo em comunicação material e espiritual.

Essa enorme unidade planetaria, apenas esboçada, ha-de se reflectir profundamente na mentalidade do homem moderno, que tem que pensar em termos muito mais largos do que o do seu esplendido isolamento local ou nacional de outros tempos.

A "grande sociedade" está a se constituir e o homem deve ser preparado para ser um membro responsavel e intelligente desse novo organismo.

Mais perto de nós, porém, um outro effeito da industria é o de retirar á familia as suas antigas funções economicas. Uma por uma, as velhas funções caseiras do preparo da roupa, do alimento, da diversão, etc., foram destacadas para a fabrica ou para a industria.

A familia com isso se está alterando profundamente. O homem moderno não trabalha em casa e não se diverte em casa. Em centros muito adiantados, o antigo lar, tão decantado, não é mais do que o "logar onde alguns individuos voltam, á noite, para dormir".

Um outro aspecto é o da super-especialização do



trabalho na grande industria. O trabalho torna-se com isto uma simples tarefa, desintegrada na vida do homem, que sente, assim, cada vez mais, que elle é uma simples "peça da machina," não havendo logar para pensar, nem para ter essa natural satisfação de saber o que está fazendo e que o que está fazendo vale a pena.

Dessa desintegração das pequenas unidades anteriores—o trabalho individual, o lar, a cidade e a propria nação—até a vinda da grande integração da "grande sociedade,"—muitos problemas têm de ser resolvidos e mais uma vez se ha-de exigir do homem mais liberdade, mais intelligencia, mais comprehensão,—si é que não queremos ficar em uma simples interdependencia mechanical e degradante.

E todos esses problemas, são problemas para a educação resolver.

—

A terceira grande tendencia do mundo contemporaneo, é a tendencia democratica. Democracia é essencialmente esse modo de vida social em que "cada individuo conta como uma pessoa." O respeito pela personalidade humana é a idéa mais profunda dessa grande corrente moderna.

Nessa nova vida social, o homem não só terá oportunidade para a expressão maxima dos seus valores, como lhe assistirá permanentemente o dever de se exprimir de sorte a não reprimir valores de ninguem, mas, antes facilitando a maxima expressão de todos elles.



É curioso notar que de todas as correntes modernas, essa de «respeito pelos homens ou democracia» é a que mais de longe se filia á sciencia. Não falta quem diga que antes a ella se oppõe. Mas, democracia é acima de tudo *um modo de vida*, uma expressão ethica da vida, e tudo leva a crêr que o homem nunca se encontrará satisfeito com nenhuma forma de vida social, que negue essencialmente a democracia.

Dois deveres se desprendem dessa tendencia moderna e se reflectem profundamente em educação: o homem deve ser capaz, economicamente e individualmente e o homem deve se sentir responsável pelo bem social. Personalidade e cooperação são os dois polos dessa nova formação humana que a democracia exige.

### A ESCOLA E A SOCIEDADE

Resumindo, nós temos que graças ao desenvolvimento da sciencia e sua applicação á vida humana, nós entramos em uma phase de movimento e de transformação continua.

Não só as condições materiaes da vida mudam dia a dia, como sobretudo a visão do homem sobre a vida.

Nesse aspecto, resalta hoje acima de qualquer outro, o seu desapego aos velhos systemas autoritarios do passado, sejam elles tradicionaes ou religiosos. Esse movimento é muito mais pronunciado



entre os moços. A noção actual de liberdade envolve, caracteristicamente, essa capacidade de se orientar exclusivamente por uma *autoridade interna*.

Nenhuma autoridade exterior é hoje aceita. As idéas e os factos são examinados nos seus meritos e resolvidos de accordo com as luzes da razão de cada um.

Estamos a iniciar uma civilização, essencialmente *dynamica*, onde o "progresso material" promette tudo vir a mudar, em escala cada vez mais crescente, e onde a visão social e moral soffre, naturalmente, transformações correspondentes.

Esse novo homem, com novos habitos de adaptabilidade e ajustamento, não pode ser formado pela maneira estatica da escola tradicional que desconhecia o maior facto da vida contemporanea: a progressão geometrica com que a vida está a mudar, desde que se abriu o cyclo das invenções.

Nós podemos perceber a nova finalidade da escola, quando reflectirmos que ella deve hoje preparar cada homem para ser um individuo que pense e que se dirija, por si, em uma ordem social, intellectual e industrial eminentemente complexa e mutavel. Antes a escola *supplementava* com algumas informações dogmaticas uma educação que o lar e a comunidade ministravam ao individuo, em uma ordem, por assim dizer, estatica de cousas. Toda educação consistia em ensinar a seguir e a obedecer.

Hoje, sem nenhum exaggero, si quizermos que a nova ordem de cousas funcione com harmonia e



integração, precisamos que cada homem tenha as qualidades de um *leader*. Pelo menos a si elle tem que guiar, e o tem que fazer com mais intelligencia, mais agilidade, mais hospitalidade para o novo e imprevisito, do que os velhos *leaders* autoritarios de outros tempos.

Não seriam, pois, precisas outras razões que as da profunda modificação social porque vamos passando, para justificar a alteração profunda da velha escola tradicional—preparatoria e complementar—para a escola nova de educação integral.

### A ESCOLA TRADICIONAL E SEUS PRESUPPOSTOS

A escola é uma replica da sociedade a que ella serve. A escola tradicional era a replica da sociedade velha que estamos vendo desapparecer.

E' facil desmontal-a e mostrar como todos os presuppostos em que ella se baseava foram alterados pela nova ordem de cousas e pelo novo espirito de nossa civilização.

A escola nova não pretende, por sua vez, se apoiar sinão nesses factos e nessa nova mentalidade. Como a escola tradicional, ella é a replica da sociedade renovada em que vivemos.

I—A escola presuppoz, e com razão, que a educação se fazia no lar e na vida da comunidade, cabendo-lhe, tão somente, *supplemental-a*, dando oportunidade para a aquisição dos instrumentos fundamentaes da cultura: lêr, escrever e contar; e, mais



de informações e factos de natureza livresca, que o alumno assimillaria e mais tarde poria em pratica.

II—A escola presuppoz uma ordem estatica para o mundo, cabendo-lhe preparar a criança para cumprir quando adulta o seu papel, que substancialmente seria o mesmo de seus pais.

III—A escola presuppoz que, no interesse da tranquillidade, ella deveria manter, pelo dogmatismo intransigente de seu ensino, as approvadas attitudes sociaes ou moraes ou religiosas. Tão bem andaram as escolas nessas funcções, que Igreja e Estado, geralmente, porfiavam por seu controle, certos de que esse seria o melhor modo de garantir a permanencia de seus crédos religiosos ou patrioticos.

IV—De accôrdo com essa theoria, a escola presuppoz que não tinha mais que *ensinar* às crianças certas technicas e certos factos e certos modos de proceder, que as preparassem para o periodo de adulto, futuro que se suppunha perfeitamente conhecido.

Assim a escola, nada mais era do que uma casa onde as crianças aprendiam o que lhes era ensinado, decorando as *licções* que os professores *marcavam*, depois *tomavam*, e que lhes forneciam elementos de informação e saber, que, só mais tarde elles deveriam utilizar.

Todas as noções, mesmo pedagogicas, relativas á escola velha se prendem a esses presuppostos:

*Estudo* — é o modo de apprender uma licção. *Apprender*, significa acceitar e fixar na memoria ou



no habito um facto ou uma habilidade. *Ensinar*, simplesmente uma doutrinação daquelles factos ou conceitos. O cyclo era simples: professor *prelecionava*, *marcava* a seguir a lição e *tomava-a* no dia seguinte. Os livros eram feitos adrede, em lições. Os programmas determinavam o periodo para se vencerem taes e taes lições. Exames, que verificavam si os livros ficaram apprendidos, condicionavam as promoções. O alumno bom era o mais *docil* a essa disciplina, aquelle que melhor se adaptava a esse processo livresco de se preparar para o futuro.

#### A INDISPENSÁVEL RENOVAÇÃO ESCOLAR

Ora, tal escola, simplesmente *supplementar* e *preparatoria* é inadequada para a situação em que nos achamos.

E o é, sobretudo, porque a educação que a criança recebia directamente da familia e da comunidade perderam o seu antigo character de effiçencia e integração. E os deveres que cabiam antes a essas duas forças educativas, vieram accrescer os primeiros deveres puramente *supplementares* da escola.

Porque, observaes bem, nunca se deixou de julgar que a criança se educa, vivendo. Era a sua vida familiar e a sua vida social que a educavam. A escola simplesmente *ensinava* certas artes e certos conhecimentos necessarios lá para fóra onde a sua vida transcorria.

Mas, hoje a vida de familia se desintegrou na



sua harmonia de agencia educadora e a vida social tornou-se tão eminentemente complexa que offerece á criança, para sua visão e analyse, apenas aspectos fragmentarios do seu todo; e por outro lado, essas instituições ganharam uma certa velocidade de transformação, que lhes não permitem ser conscientes de sua acção educativa. Não só essa acção é mais vaga e menos directa, como a celeridade de transformação lhes impede de exercel-a com lucidez e consciencia.

A necessidade, pois, da escola tomar em grande parte, a si, as funcções da familia e do meio social corresponde a uma verdadeira premencia dos nossos tempos, si quizermos dar ás nossas crianças uma chance de se adaptarem e se ajustarem á ordem social do nosso vertiginoso presente.

Dahi esse relevo impressionante que ganhou o movimento educativo. Estamos com responsabilidades dobradas, diante do fracasso porque as velhas agencias tradicionaes de educação estão passando com o advento da nossa era. E essas responsabilidades se reflectem sobretudo nos responsaveis pela educação escolar, porque só esses podem reorganizar os seus institutos para o fim de servirem ás novas funcções que lhe dita o nosso momento de civilização.

Essa reorganização importa em nada menos do que trazer a vida para a escola. A escola deve vir a ser o lugar onde a criança venha viver plenamente e integradamente. Sò, vivendo, a criança poderá



ganhar os hábitos moraes e sociaes de que ella precisa para ter uma vida feliz e integrada em um meio dynamico e flexivel tal qual o nosso.

Si a escola deve hoje mais do que informar e ensinar algumas artes uteis, preparar a criança para ser bôa, serviçal, operosa, tolerante e forte,— como pode ella obter tudo isso pelo velho systema de disciplina e lições? Como posso eu marcar uma lição de bondade, uma lição de tolerancia, de sympathia, de enthusiasmo? Só uma situação real de vida pode fazer com que a criança apprenda essas attitúdes sociaes indispensaveis á vida moderna.

A nova escola precisa dar á criança não somente um mundo de informações singularmente maior do que o da velha escola—só absoluta necessidade de ensinar sciencia era bastante para transformal-a—como ainda lhe cabe o dever de apparelhar a criança para ter uma attitude critica de intelligencia; para saber julgar e pezar as cousas, com hospitalidade mas sem credulidade excessiva; para saber discernir na formidavel complexidade da integração industrial moderna as tendencias dominadoras, discernimento que lhe habituará a não perder a sua individualidade e a ter consciencia do que vae passando sobre ella pelo mundo afóra; e ainda, para sentir, com lucida objectividade, a interdependencia geral do planeta e a necessidade de conciliar o nacionalismo com a concepção mais vigorosa da unidade economica e social de todo o mundo.



Isso com respeito ao proprio aspecto externo da civilização. E com relação ao que poderíamos chamar a sua estrutura espiritual, com relação ao espirito democratico moderno?

Primeiro, a escola deve prover oportunidade para a pratica da democracia: — o regime social em que cada individuo conta plenamente como uma pessoa. Democracia na escola importa em democracia para o mestre e democracia para o alumno, — isto é: um regime que procure dar ao mestre e aos alumnos o maximo de direcção propria e de participação nas responsabilidades de sua vida commum.

Segundo, como democracia é acima de tudo o modo moral de vida do homem moderno, a sua ethica social, a criança deve ganhar atravez da escola, esse sentido de indêpendencia e direcção, que lhe permitta viver com outros com a maxima tolerancia, sem entretanto perder a sua personalidade.

Devemos ter sempre presentes que a escola não vae dar soluções já feitas á nossa juventude. Tudo que podemos fazer é dar-lhe methodo e juizo para ella lutar com os problemas que vae encontrar e dar-lhe o sentido de responsabilidade social que lhe assiste na solução desses problemas.

Em democracia não ha sinão uma tendencia fixa: a busca do maior bem do homem. Como tal ella é essencialmente progressiva e livre e para o exercicio dessa fórmula social progressiva e livre precisam-se de homens consciences, informados e capazes de resolverem os seus proprios problemas.



mais aguda do acto de aprender, vem em muito, alterar a psychologia da velha escola tradicional.

*Apprender*, significou durante muito tempo simples memorização de formulas obtidas pelos adultos. O velho processo catechético de pergunta e resposta é um exemplo impressionante disto. Decorar um livro era *apprender*-o. Mais tarde, começou-se a exigir que *se comprehendesse* o que era decorado. Um passo mais, foi o de exigir do alumno que elle repetisse, com *palavras proprias* o que se acha formulado nos livros. Não bastava *decorar*, não bastava *comprender*, era ainda necessario a expressão verbal pessoal,—então assim estava *apprendido* o assumpto.

Pois é isso que a nova psychologia veio provar ser ainda insufficiente. Não é isso ainda *apprender*. Fixar, *comprender* e exprimir verbalmente um conhecimento não é tel-o *apprendido*. *Apprender* significa ganhar um modo de agir. Isso dito assim parece excessivamente limitado. Para muita habilitade puramente mechanica, não há duvida. *Apprender* significa a aquisição de uma determinada habilitade. Mas, uma idéa? *Apprende-se* uma idéa ganhando um novo modo de proceder ou agir? E' exactamente isso que se dá. Nós *apprendemos*, quando *assimillamos* uma cousa de tal geito, que chegado o momento opportuno nós sabemos agir de accôrdo com o *apprendido*. A palavra *agir* tem vulgarmente um sentido estreito de acção material. Mas um acto é sempre uma reacção a uma situação em que nos



encontramos. Nós reagimos contra estímulos que recebemos através os nossos sentidos internos ou externos. E o que aprendemos é sempre uma forma especial de reacção.

Quando é que nós aprendemos — dois mais dois são quatro? Quando diante de qualquer situação que suggira esta resposta, o nosso organismo a dê fatalmente. O que aprendemos tem assim uma força de projecção que nos força a reagir daquelle modo diante, supponhamos da pergunta:  $2 \times 2$  é igual a que?

Ora, do mesmo modo que ganhamos essa resposta especifica para essa situação, do mesmo modo aprendemos qualquer outra cousa. Uma habilidade, uma idea, uma emoção, uma attitude, um ideal, aprendemo-lo do mesmo modo, fixando uma certa reacção do nosso organismo a uma certa cousa.

Não aprendi uma idéa quando apenas a sei formular, mas quando o fiz de tal modo minha, que ella passa fazer parte do meu organismo e exigir de mim, quasi automaticamente, uma reacção ou uma serie de reacções especiaes.

Logo, não se aprende sinão aquillo que se pratica. Apprender é um processo activo de reagir a certas cousas, seleccionar as reacções appropriadas e fixal-as depois em nosso organismo. Não se aprende por simples absorpção.

### AS LEIS DA APPRENDIZAGEM

Assim nós chegamos hoje a fixar certas interpretações geraes do acto de aprender que chamamos de «leis».



As duas leis mais importantes são a de prática e efeito e de *inclinação* (readiness).

Pela primeira se quer dizer que apprendemos, pela prática, certas reacções que causam certos efeitos e não apprendemos outras. As reacções que são satisfactorias, tendemos a repetil-as e apprendel-as. As reacções que não nos satisfazem, tendemos a não as repetir e portanto a não as aprender.

A lei da inclinação completa essa ultima lei. Pode-se definil-a: quando um individuo está inclinado a agir de um certo modo, agir satisfaz e não agir aborrece. Quando, um individuo não está inclinado a agir de um certo modo, não agir satisfaz e agir aborrece.

A primeira fonte da apprendizagem está nas necessidades physicas, intellectuaes ou moraes do nosso organismo. Taes necessidades, no homem, são immensamente variaveis e dependentes do ambiente social, dos habitos, das attitudes e das informações que tem o individuo que aprende.

Mas, o mais importante, para nós no momento, é notar como o acto de aprender depende profundamente de uma *situação real de experiencia* onde possamos praticar, tal qual na vida, as reacções que devemos aprender e, não menos profundamente, do *proposito* em que estiver o alumno de aprender essa ou aquella cousa.

*Uma situação real de experiencia* — Não se apprendem somente idéas ou factos, apprendem-se ainda attitudes, idéas, appreciações. Para aprender uma



idéa, eu posso preparar mesmo na escola tradicional um ambiente efficaz. Devo, apenas, preparar as condições para o exercicio daquelle conhecimento novo— a agua é composta de oxygenio e hydrogenio, por exemplo—e praticar com a criança até que ella aprenda.

Mas si eu quizer ensinar a uma criança a ser bôa, não ha meio de fazel-a praticar bondade e ter as satisfações que o exercicio de bondade poder trazer, sem que, na escola, haja condições sociaes reaes que desenvolvam esse sentimento de bondade.

Não se pode praticar tolerancia ou bondade, como se pratica arithmetica.

Logo, si a escola quer ter uma funcção integral de educação, ella deve organizar-se de sorte que a criança encontre ali um ambiente social em que ella viva plenamente. A escola não pode ser uma simples classe de exercicios intellectuaes especializados.

Assim, é a nova psychologia de apprendizagem que obriga a renovar a escola em um centro onde se prepara para viver.

*Proposito ou intento do alumno* - A lei do effeito nos diz que não apprendemos tudo que praticamos, mas aquillo que nos dá prazer ou satisfação.

Esse prazer ou satisfação dependem, porém, essencialmente do proposito ou intento do individuo que vae apprender. Si eu quero apprender a fazer uma certa carambola ao bilhar e passo a exercitar-me com as bolas, tanto me aproveito com os golpes errados quanto com os certos. Os primeiros golpes eu



desapprendo de fazer e os segundos, os certos, eu os apprendo.

*O proposito ou intento* de apprender os segundos fez-me apprendel-os.

O mesmo succede com relação aos demais actos de apprender. O desejo do alumno, o seu *interesse*, para usar a palavra consagrada, orienta o que se vae apprender.

Outro aspecto tremendamente importante da nova psychologia do acto de apprender, é que não se apprende nunca uma só cousa.

Imaginemos uma criança que apprende a escrever. Toda sua actividade *physica* está empenhada nisto. Os musculos do braço e da mão, a cabeça, o Pescoço, o tronco, tudo está em movimento. Varias sensações de pressão, esforço, de respiração, elle está experimentando. Toda sua actividade mental tambem trabalha. Elle observa, recorda, imagina, planeja processos especiaes, experimenta de um modo e de outro. Mais do que isso, porem, elle *sente*. Pode estar satisfeito ou aborrecido, esperançado ou desanimado. Para com o escrever, para com a classe, para com os collegas, para com o professor e para com a propria vida, elle está alli experimentando uma attitude favoravel ou desfavoravel que lhe será util ou prejudicial.

De sorte que se apprende não só o objecto *primario*, que se queria apprender, como varias outras cousas *associadas* ou *concomitantes*, o que torna o acto de apprender *summamente* complexo.

Muitas vezes isso que se está apprendendo, con-



comitantemente ou por associação, é mais importante do que o objecto directo do estudo. Ora, a escola tradicional nunca percebeu que, em uma lição simplesmente de arithmetica, ella podia estar ensinando a crianças a não ter coragem, a não ser sociaes, a alimentar complexos de inferioridade, etc, de que ellas iriam soffrer por toda a vida.

Então vemos como a velha escola, onde as crianças iam para fazer aquillo que não queriam, com uma disciplina semi-militar, está profundamente inadequada não só para a sociedade presente, como para a propria concepção moderna da apprendizagem.

### A ESCOLA NOVA

Diante de tudo isto de que escolas precisamos nós?

Conforme Kilpatrick, a escola que pode satisfazer as exigencias sociaes e pedagogicas que apontamos atraz, deve ser:

1—Uma escola de vida e de experiencia para que sejam possiveis as verdadeiras condições do acto de aprender.

2—Uma escola onde os alumnos são activos e onde os projectos formem a unidade typica do processo da apprendizagem. Só uma actividade querida e projectada pelos alumnos pode fazer da vida escolar uma vida que elles sintam que vale a pena viver.

3—Uma escola onde os professores sympathisem com as crianças sabendo que só atravez da actividade progressiva dos alumnos podem elles se educar, isto é, *crescer*; e que saibam ainda que *crescer*, é ganhar



cada vez melhores e mais adequados meios de realizar a propria personalidade dentro do meio social onde o alumno vive.

Essa escola é totalmente diversa da escola tradicional, onde os alumnos recebem uma tarefa e soffrem uma ordem imposta externamente.

Para a nova escola, as *materias* é a propria vida, distribuida por "centros de interesse ou projectos". *Estudo*—é o esforço para resolver um problema ou executar um projecto. *Ensinar*—é guiar o alumno na sua actividade e dar-lhe os recursos que a experiencia humana já obteve para lhe facilitar e economizar esforços.

Nesta palestra, estamos mais empenhados em analysar as razões da *escola nova* e a sua estrutura que os detalhes de sua organização.

Os motivos sociaes e pedagogicos da renovação escolar ficaram sublinhados nos primeiros topicos. Cabe-nos, para encerrar o nosso trabalho, commentar as bases da escola nova, traçadas por Kilpatrick e que, em substancia, são as mesmas que traçam os diversos reorganizadores modernos da escola.

#### ESCOLA DE VIDA E DE EXPERIENCIA

O phenomeno educativo, na phrase de Dewey, é a reconstrucção da experiencia, á luz das experiencias passadas, para melhor e mais rico controle da situação. Diante dessa concepção, confirmada pela presente psychologia, o processo educativo se opera em uma situação real de vida, onde o que é appren-



dido funciona com seu *próprio* caracter e produz as suas naturaes consequencias. Alem disto, para que a apprendizagem seja integradora, o que vale dizer educativa, a situação escolar e a vida do alumno devem se ajustar e harmonizar como um todo continuo.

Diante disto, como organizar a escola sob a base de *materias a estudar*? A unica *materia* para a escola é a propria vida, guiada com intelligencia e discriminação, de modo que a façamos progressiva e ascencional.

Está claro que não vamos fazer a criança repetir a experiencia racial toda desde o principio. Isso seria, como diz Dewey, simplesmente estúpido, porque impossivel. As experiencias e as actividades escolares não-de ser sempre seleccionadas e para ellas o concurso da experiencia do passado sempre inestimavel.

Seleção e organização das experiencias escolares não representará, porém, nunca dar promptinhos ás crianças os resultados formulados pelos adultos em seus compendios finais.

Imaginemos que algumas crianças desejam fazer uma repreza. Está *ahi* uma actividade que é delles e que representa uma situação real de vida, porque elles, varias vezes, foram até esse pequeno rio e sempre cogitaram de ter *alli* um reservatorio d'agua maior para que pudessem tomar banho, supponhamos.

Mettem mãos á obra. O professor suggere estudar o assumpto. Antes delles toda a humanidade



fez reprezas. Os meninos vão buscar livros, examinam, averiguam, apprendem. Ahi está como a experiencia já ganha da raça entra na actividade escolar.

Está ahi como os livros podem e devem ser utilizados. Nem por isso a situação deixou de ser uma situação real de vida e de experiencia.

Si a propria concepção da apprendizagem impõe hoje essa organização escolar, que diremos si reflectirmos sobre as novas funções sociaes da escola? Como pode uma escola que não seja, realmente, de vida, dar á criança os habitos sociaes que, conforme as nossas considerações anteriores, são indispensaveis ao proprio bem estar da comunidade democratica em que vivemos?

### ALUMNOS ACTIVOS

Corollario immediato de uma escola de experiencia e de vida é que os alumnos sejam activos. Em vez da velha escola de ouvir, a nova escola de actividade e de trabalho.

Não basta, porem, que os alumnos sejam activos. E' necessario que elles escolham as suas actividades. Vimos o papel que tem na apprendizagem o intento, o proposito e o interesse do alumno. Si só se aprende aquillo que a criança entende, em cada caso, como successo é summamente importante.

Ponhamos uma creança a praticar tennis. Si ella não tem interesse no jogo e não quizer aprender taes e determinados golpes, poderá exercitar toda sua vida e nada aprenderá. Os insuccessos não lhe



aborrecem, nem lhe dão prazer os successos. Umas e outras experiencias lhe passarão pelo organismo sem nelle deixar mossa. Possivelmente apprenderá uma porção de cousas. Mas associadas ou concomitantes. Desgosto pelo sport, má-vontade contra o professor, etc. etc.

Não precisamos, pois, insistir no ponto. E' indispensavel, como diz Claparède que as crianças si não fazem tudo que quérem, queiram tudo que fazem.

Podemos resumir, com Kilpatrick: "tanto que um activo interesse guie os alumnos a se empenharem em empreendimentos adequados—nem muito difficeis nem muito faceis—melhor probabilidade de successo haverá, com todos os bons effeitos que o successo traz: melhores serão as condições da apprendizagem total; e melhor será a organização escolar resultante".

Só em uma vida onde todos trabalham com o sentimento de que participam, como individuos, da actividade collectiva, que é tambem a sua, podemos nós realizar as condições de responsabilidade e de prazer que são indispensaveis para o crescimento educativo dos alumnos e para a sua preparação para a participação na sociedade adulta.

### OS MESTRES DA NOVA ESCOLA

Toda educação até hoje foi autocratica! Os mestres soffriam a autocracia dos administradores, e as crianças as dos mestres. Na reorganização democratica das escolas, a uns e outros temos que dar independencia. Educar é uma arte tão alta que não se póde



subordinar aos methodos de imposição das simples tarefas mechanicas. Mestres e alumnos trabalharão em liberdade e á luz do que o philosopho e scien-  
tista esclarecerem sobre a profissão dos primeiros e o labôr dos ultimos.

Mas assim como o administrador deve confiar no mestre, deve o mestre confiar no alumno. Ferca elle para sempre a idéa de que lhe cabe qualquer soberania sobre o pensamento do seu discipulo. Dê-lhe opportunidade para pensar e julgar por si. Os problemas d'elle só poderão ser resolvidos por elle. Elle vae viver a vida um passo adiante de nós. Com as novas responsabilidades que elle vae assumir, demos-lhe nova liberdade de pensar.

Não passe pela cabeça de ninguem que isso seja completa anarchia. Tão habituados estamos a impôr as nossas formulas, que, parece, que o dia em que ellas desapparecerem, desapparecerá a ordem.

Lembremos que estamos passando de uma civilização baseada em uma autoridade externa, para uma civilização baseada na autoridade interna de cada um de nós.

E nessa nova civilização, o que desejamos é uma vida melhor e mais ampla. A unica finalidade da vida é mais vida. Si me perguntarem, o que é essa vida, eu lhes direi que é a liberdade e a felicidade. São vagos os termos. Mas, nem por isso elles deixam de ter sentido para cada um de nós. A medida que formos mais livres, que abrangermos em nosso coração e em nossa intelligencia mais cousas, que



ganharmos criterios mais finos de comprehensão, nessa medida nos sentiremos maiores e mais felizes.

A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida. No fundo de toda essa palestra paira a convicção de que a vida é bôa e que pode ser tornada melhor. É essa a philosophia que nos ensina o momento que vivemos. Educação é processo de assegurar a continuidade do lado bom da vida e de enriquecê-lo, alargal-o e amplial-o cada vez mais.

Na escola nova, cujos lineamentos estivemos commentando, não se busca outra coisa senão a permanente reconstrucção da vida para maior riqueza, maior harmonia e maior liberdade, dentro do ambiente de transformacão e de progresso que a era industrial inaugurou.



## A CALLIPHASIA OU DECLAMAÇÃO

RESUMO DE UM LIVRO A SER EDITADO  
SOBRE «CALLIPHASIA».

Palestra realizada no salão nobre  
do Instituto Geographico e Historico  
da Bahia, sob os auspícios do Depar-  
tamento da Bahia da Associação Bra-  
sileira de Educação.

*Noemia Nascimento Gama*

A minha palestra de hoje, sem nenhum espirito literario, é apenas a exposição do methodo com que se pôde ensinar a declamação. Sendo esse ensino baseado em multiplas e continuas observações, começo por notar que, antes da interpretação da poesia ou da prosa, é essencial ensinar a dizel-as com perfeita dicção.

A voz, a respiração e o gesto, todos elles, são predicados indispensaveis a uma perfeita declamadora. A voz, factor importantissimo áquelles que se propõem a *dizer*, pôde ser educada para falar, como a educamos para cantar. Encontramos, em todos os principiantes, ou seja por timidez ou seja por falta de exercicio, o grave defeito de variar o timbre de sua voz, falando ora com voz do peito, ora com voz natural, ora com voz da cabeça.



Analysando separadamente os diversos timbres de voz, vemos que a voz do peito é a unica que pôde convir a quem declama. A voz do peito é a voz natural, é a voz, que, sem o minimo esforço, nos permite imprimir as diversas modulações á prosa e ao verso, assim como dar justeza ás inflexões.

A voz da cabeça é uma voz forçada e desagradavel, que não se pôde modular na sua precisa conta; sae ás vezes tão aguda, que é necessario flexional-a rapidamente para não descambar para o falsete.

Ha na voz tres registros distinctos: o agudo, o médio e o grave. E' o registro médio que deve predominar, e a inflexão d'elle faz vibrar a palavra que nos communicará a tristeza, a angustia, a alegria ou a satisfação. O uso do registro grave ou agudo tem o inconveniente de habituar a voz a um diapasão muito baixo e, portanto, sem resonancia, ou a um diapasão muito alto e de pessimo effeito. Ha um exercicio que, feito com methodo e acompanhado pelo professor, facilita uma empostação rapida e média: consiste em lêr um trecho de prosa ou verso, começando no registro médio a meia voz, e elevando-o numa cadencia pausada, até que a voz se torne bem forte, prolongando-a até o maximo de respiração, sem sahir desse mesmo registro.

A voz nazal é de todas a mais desagradavel e viciosa. O exercicios feitos com o nariz tapado, obrigado o som a sahir pela bocca, é a unica maneira de corrigir esse defeito.



Não é possível empostar a voz para declamar, como a empostamos para cantar. No canto, usamos todos os registros e exercitamos aquelle que é menos timbrado. A empostação perfeita da voz, para cantar, vae do grave ao agudo, sendo que geralmente o registro médio é o mais difficil de aperfeçoar. A maior ou menor elevação de voz no canto chamamos entoação, e, na declamação, denominamos rythmo ou modulação, pois que é muito maior a inflexão de voz na poesia que na musica.

A respiração é um dos elementos que mais concorrem para emissão de uma bôa voz, e é tambem parte importante na declamação. Com exercicios de prolongamento da respiração e com a marcação perfeita da poesia, facil será respirar sem grande esforço.

Como sobre a respiração já muito se tem dito eredito, dispenso-me de, sobre ella, desenvolver demasiadas considerações.

O gesto deve ser educado como educamos a voz e a maneira de articular as palavras. As escolas antigas de declamação exigiam, da pessoa que declamava, muito maior gesticulação do que a escola moderna.

Gesto é qualquer movimento que auxilia a expressão e a nitidez do pensamento. E' conveniente não exaggerar a gesticulação; quando abusamos dos gestos, as pessôas que nos ouvem acompanham mais a gesticulação que o sentido e rythmo da poesia, dahi resultando não serem os versos bem comprehen-



didados. O gesto completa e acompanha o sentido e o pensamento. O gesto é a sombra do pensamento. Muitas vezes, um gesto preciso e descriptivo é o prenuncio de uma phrase, cujo sentido de antemão percebemos. O temperamento de cada um é, muitas vezes, traduzido pela gesticulação. Nas creaturas vibrantes e de patente vitalidade, quer por influencia de raça, quer por influencia de clima, observa-se a gesticulação muito mais energica e expressiva.

A emctividade de um trecho de poesia ou de prosa, pode-se obter sem grande gesticulação. A mimica, que é o gesto de physionomia, é sempre muito mais eloquente na sua sobriedade que a gesticulação de abraços e meneios de corpo. Gesto ou mimicas, o essencial é serem sobrios, naturaes e espontaneos.

Nunca será demais insistir, entretanto, na excepcional importancia que representa a articulação no curso perfeito de uma declamadora.

Que valor ha numa creatura que, dizendo verso ou prosa, sabe rir ou chorar quando é preciso, se nós, que a ouvimos, não entendemos a razão de ser desse riso ou desse pranto?

A interpretação de um trecho de prosa ou de uma poesia, nada tem de difficil e depende muito mais do alumno do que do professor. Havendo intelligencia, ha comprehensão, e aquillo que comprehendemos é facil sentir. Mas dizer claramente, articuladamente, uma poesia ou um trecho de prosa, não é tão facil como parece. Notaç, vós professores, que,



em 30 alumnos que lêem portuguez, não exaggero dizendo que 28 lêem mal, muito mal a nossa lingua.

Porque, ouvindo falar uma lingua que não seja a nossa como o francez, por exemplo, estremeceamos diante de um «U», como em «DU», pronunciado «Ú»; de um «E» mudo, como em «pétite», pronunciado «pétite», ou quando, em qualquer caso, a accentuação não é absolutamente franceza? E' que, chegando a fallar bem o francez, aprendemo-lo com professores francezes ou de origem franceza, que exigem de nós a maxima correção da pronuncia da sua lingua. Mas nós, professores, não temos o mesmo cuidado e a mesma exigência com a accentuação das palavras portuguezas e não exigimos do alumno mais do que a correção grammatical.

Em todas as grammaticas, com maior ou menor desenvolvimento, encontramos, na parte relativa á *prosódia*, regras que nos dão, grammaticalmente, a fórma correcta da accentuação das palavras. Mas nenhuma grammatica nos ensinou ainda a pronuncial-as e só pela *calliphasia* — Arte de dizer —, poderemos realizar esse ideal, de bem fallar a nossa lingua.

Aconselham alguns auctores, que têm escripto sobre a «arte de dizer», seguir a pronunciação que predomina nas capitaes dos paizes, onde, dizem elles, é natural ser maior a cultura e o desenvolvimento intellectual. A opinião é inaceitavel. E' preciso haver uniformidade e perfeição na pronuncia de uma lingua; e acompanhar aquelles, que vivem na capital de um



paiz, seria procurar a desnacionalisação, pois toda capital é objecto preferido para moradia de povos de nacionalidades differentes. E sabemos que, pelo contacto com um povo cuja lingua não é a nossa, não nos é possível fugir á absorpção meio inconsciente de uma accentuação viciada e impropria. Dahi, tambem, os continuos estrangeirismos nas palavras, nas phrases, na syntaxe, inevitaveis em quasi todas as capitaes.

Uniformizemos a nossa accentuação e a nossa dicção, dando ás palavras a justeza de suas pronuncias. Vemos, muitas vezes, alumnos que commetem erros em exercicios dictados pelo professor — esses erros são sempre attribuidos á falta de attenção, ignorancia, etc.

Mas ninguem suspeitou, ainda, de que a maior parte desses erros é devida á má articulação e á má pronuncia das palavras dictadas pelo professor. Ha pouco tempo, assisti, em uma escola, a uma aula de educação civica, em que a professora, aliás intelligente, dictava aos alumnos um ponto sobre a «*Bandeira Brasileira*». Dos 27 alumnos da classe, sómente dois haviam escripto «*Bandeira brasileira*». Nenhum de nós ignora que, para a perfeita graphia das palavras: tanto concorrem o orgão visual como o auditivo. A graphia visual é a palavra gravada na retina e que, pela continuação dos exercicios escriptos, não mais desaparece do nosso cerebro. A graphia visual é a base da graphia etymológica. Se nos primeiros annos de estudo não nos é permittido attingir a etymologia



das palavras, começemos por gravá-las em nossos cerebros, sob a forma de desenho.

O methodo intuitivo analytico, adoptado em nossas escolas, não tem base maior que a graphia visual applicada.

A forma auditiva é o que communmente chamamos graphia phonetica; é a mais facil e está, portanto, mais ao alcance des crianças.

Do professor, depende a correção das palavras, cuja graphia fôr apenas phonetica. Como exigir de um alumno a perfeita graphia de uma palavra, se essa graphia depende muito de phonetica e se o professor não souber pronunciar a palavra com a sua correcta articulação? Se as crianças, nos seus poucos conhecimentos, não tiverem o discernimento preciso para guardar a graphia das palavras de difficil etymologia, força é que o professor as auxilie, ao menos naquellas que, claramente pronunciadas, facil lhes seja escrever. Mesmo na exposição de qualquer materia, é tão importante a perfeita correção grammatical, como é imprescindivel a clara dicção do professor.

Frequentemente encontramos homens de grande illustração que têm na sua maneira de expôr, tão imperfeita dicção, que as suas idéas se apresentam, muitas vezes, obscuras. Em todas as circumstancias, é sempre preciso articular para ter uma clara dicção.

Cumpré, porém, não exaggerar nem affetar a pronuncia das palavras — é sufficiente pronuncial-as com justeza, e principalmente, com clareza.



A articulação das palavras, separadamente, fazendo salientar a sua verdadeira accentuação é a base do methodo por que se deve ensinar a dizer com elegancia. Digo salientar a sua verdadeira accentuação, porque ha, no Brasil, o vicio de dar ás palavras uma accentuação tonica dupla e ás vezes triplice. Ouvimos todos os dias: *Márgárida, chámáda, coráção* etc. Se no estudo da lingua aprendemos que, em cada palavra, ha uma unica syllaba tonica, não é razoavel que accentuemos as outras, que são chamadas átonas, e que, pela sua denominação, não devem, não podem ser accentuadas.

Não sou apologista da pronuncia lusitana, pois acho que nós, brasileiros, devemos ter o patriotismo de manter a nossa pronuncia peculiar. Mas, ahí está o caso em que é preferivel dar ás palavras a pronunciação muito breve dos portuguezes á nossa pausada e erroñea accentuação. E' tão desigual e tão diversamente accentuada a nossa lingua, que, conversando com um brasileiro, depois de curta palestra, poderemos dizer, com segurança, se elle é do norte ou do sul do paiz. E isso porque? Porque não temos uniformidade e muito menos cuidado com a nossa maneira de falar e, principalmente, com a nossa maneira de articular. Disse e insisto — a articulação das palavras é essencial para uma bôa dicção; mas é preciso articular-as bem, pois, apenas ciciadas, sem articulação, não serão ouvidas, com clareza e sim confundidas com outras, prejudicando o sentido e a cadencia dos versos.



Como na articulação das palavras devem sobresahir as consoantes e, tendo cada consoante a sua articulação distincta, necessario se torna fazer separadamente o exercicio de cada uma, repetindo aquellas onde maiores difficuldades encontramos em pronunciar. Vou dar alguns exemplos de exercicios que, adoptados no meu curso, muito têm contribuido para conseguir das minhas alumnas clara e perfeita dicção.

Começarei pelo "b" que, tendo muita semelhança como o «p», deve ser claramente articulado, pois, do contrario, a confusão seria inevitavel. Exemplo: Basta, Baptista, bota o bote na bahia e bebe bôa bebida na bica da bodega,—«bode bonito».—Bebi na beira da bica boa bebida, etc.

O «d», que é sempre pronunciado «dge», como em «dgia», «pedgir», etc. tem muito mais resonancia e limpidez com a sua exacta articulação: dia, pedir, etc.—Exemplo de "d" o seguinte exercicio: Dei o dado dourado dentro de um dedal de um doido. Disse o doido: deixe o dado dentro do dedal dourado. Dôe o dente do dentista demente, etc.

O «t», como o «d», é erradamente pronunciado «tehe», como em «tchia» «tchigre», «tchinta» «tchichia» quando se o pronunciarmos com a sua verdadeira articulação, tia, tigre, tinta, titia, obteremos tambem melhor resonancia e, assim sendo, muito maior clareza na articulação da palavra. Como exemplo: Um tigre, dois tigres, tres tigres, quatro tigres, cinco tigres. Tendo tido tudo tambem terei topado tarde,



tristezas timidas e temores terriveis. Tóca, titia, o tatú do tambor dos trouxas, etc.

O «s», que tem o som sibilado de «s», é pronunciado com exaggero «ch»; ouço frequentemente: olha estach velhach arvorech, etc. Si de outra maneira pronunciarmos: olha estas velhas arvores, etc., teremos dado ao «s» a sua verdadeira pronuncia. Além d'isso é tambem um grande auxiliar no prolongamento da respiração o «s» sibilado.

Como exemplo do «s», o seguinte exercicio:

- «Para fazer sabonetes
- «Mui bellos e transparentes,
- «Inventou certo estrangeiro
- «Tres receitas excellentes.
  
- «Vamos dizer a segunda,
- «Simple, facil de fazer:
- «Põe-se sal e cascas d'alhos
- «E azeite doce a ferver, etc:

O «r», pronunciado «r», com a affectação guttural de alguns dos nossos patricios, não tem a resonancia precisa, além de que não existe na nossa lingua e é, portanto, erroneo. Como exercicio: o rato raivoso roia a roupa do Rodovalho.—Rosa Rita Ramos Ramalho de rato roer se ria.—O rato roeu o roupão roxo da Rainha da Russia.

O «l» e o «lh» nunca são pronunciados com as suas articulações distinctas. Dizemos todos os dias «folinha» como se nessa palavra não houvesse um



«h» a fazendo desaparecer a idéa de derivação que existe em «folhinha». Na palavra «familia», dá-se justamente o contrario, pois é commum a pronuncia «familha», fazendo-se a substituição do «i» pelo «h». Como exercicio: Lia leu a folha do Malho que lhe deu o filho de Marilia, etc. A combinação do «p», do «l» e do «r», é de difficil articulação, pois que geralmente a consoante mais forte elimina a mais branda. Como exercicio: Palra o melro na borla de Carlos e a burla a dar-lhe.—Porque palras, pardal pardo?; palro e palrarei, porque sou o pardal palrador d'el rei.

Não é possivel dar exemplos e notar particularidades em cada uma das consoantes, porque seria tornar demasiadamente longa esta exposição. Direi apenas que todas as consoantes têm as suas distinctas articulações e que fugir dellas é errar.

Como um dos melhores exercicios de articulação, recommenda-se lêr com os dentes cerrados, o que dá grande flexão aos musculos faciaes, facilitando a dicção, aperfeigoando-a. Principalmente, em se tratando de pessoas *ciciosas*, isto é, que têm o grave defeito de falar colocando a lingua entre os dentes, ao pronunciar o «s», esse exercicio obrigará a lingua a manter-se em seu lugar preciso. Com a continuação delle, todas as palavras, antes cicidadas, serão, aos poucos, modificadas, e veremos, dentro de pouco tempo, o cicioso não mais dizer «simplex» e sim «simples».

As vogaes têm tambem acção importantissima



na dicção. Se a articulação das consoantes é necessaria, mais necessaria se torna a clara pronuncia das vogaes, quer isoladas, quer combinadas com as consoantes. E' mistér notar que, aos diphtongos, devemos destacar, cada vogal, evitando que uma absorva a outra. Citarei, como exemplo, a palavra «rio» que, como substantivo, pronunciamos em duas syllabas distinctas, apreciando o hiato; e «riu», do verbo «rir», na qual, embora mono-syllabico, encontramos um diphtongo que é necessario articular.

Infelizmente a pronuncia usual das vogaes é, entre nós, ainda muito pesada. Ouvimos todos os dias: *Vim dô collegio; bilha dê leite, etc?* Porque não darmos ás vogaes essa acentuação portugueza que torna a nossa lingua, em Portugal, tão suave? E' certo que nos cumpre ser, antes de mais nada, brasileiros sem pronunciar: *fim dô anuo; doce dê leite, etc.*

Agora, pergunto: — ? Porque o ouvido portuguez não confundiria «*dê de leve*» com «*dê dê leve*»? E' porque o portuguez pronunciaría a preposição «*de*», «*di*», differençando-a das demais palavras que, começadas por «*d*», com ella pudessem formar cacophonia.

Além de que, muitas vezes essa cacophonia prejudica o sentido, trazendo ao nosso espirito uma grande confusão de idéas. Supponhamos verso ou prosa, em que haja esta expressão «*Foi deleite*». Ora, se pronunciarmos «*Déleite*», teremos dado a idéa do goso a esta expressão, se, porém, dissermos «*de leite*»,



estarão subentendidos a preposição «di» e o substantivo «leite».

Como este, existem muitos casos de expressões, que, mal pronunciadas, sacrificam o sentido da phrase. O «o» e o «a», contrahidos com a preposição «de», são sempre horrivelmente pronunciados. Se dissermos «du» e «dâ», assim como se pronunciarmos a conjunção «e», «i», não só ganharemos em belleza de dicção, como tornaremos mais extensa a nossa respiração.

O «e», pronunciado «i», principalmente no verso, faz pousar nelle a respiração, deixando della um quasi nada para outras palavras que embellezam a fórma e o sentido do verso ou da prosa. Como exemplo, vou lêr dois versos de uma linda poesia de Guerra Junqueiro, primeiramente com accentuação viciada e impropria, e, depois, com a verdadeira accentuação de cada palavra e de cada vogal:

*«O misero quê deixa ô tecto hospitaleirô;*

*«E nelle ô pai a mãi ê ô coração inteiro, etc.*

Ganharemos em belleza e suavidade, dizendo:

*«O misero que deixa e tecto hospitaleiro*

*«E nelle o pai e a mãi e o coração inteiro, etc.*

Se quizermos iniciar esse grande trabalho de aperfeiçoamento da lingua, devemos começar por exigir de nossos filhos, de nossos alumnos, que pronunciem a vogal «a», «â» e a conjunção «e» como «i» e teremos dado um grande passo em favor do



aperfeiçoamento da nossa lingua. O «a» só pode ter o som de «á», quando nelle, ou na syllaba que elle compõe, recahir o accento tonico; ou quando necessario fôr salientar e destacar as vogaes de um diphtongo. Em todos os outros casos, cumpre pronunciar «â».

Mesmo no canto é apreciavel o valor da articulação. Se uma pessoa, dotada de possante voz, não tem bôa dicção, a musica transforma-se em um amontoado de sons, sem belleza e sem melodia. Se, ao contrario, a voz é pequenina, ganhará em volume, pois as palavras bem articuladas a fazem maior e dão a graça e o encanto que a musica requer.

Nenhum compositor moderno escreve um trecho de musica para canto, sem cuidar do valôr e da belleza da letra. Se a palavra é parte cuidada no compor, mais cuidada deve ser no interpretar.

E' difficil, é mesmo muito difficil corrigir os vicios de linguagem, principalmente se esses vicios nos vêm do berço. Sobre isto, escreve Antonio Muniz, professor de arte dramatica do Conservatorio de Lisboa: — «E' necessario uma tenacidade a toda prova para se chegar a corrigir uma pronunciação viciosa, sobretudo quando ella provém do vicio patrio. São muitos annos de pratica diaria, que se oppõem a que o ouvido se desacostume de habitos constantes, contrahidos desde a infancia; não é cousa que se possa dominar e vencer em um dia. Mas querer é poder».

Queiramos, pois; e esse esforço deve ser unido



e coordenado começando no lar, onde os pais devem guiar seus filhos na maneira de falar, como os guiam na maneira de proceder. Não é preciso ir buscar em outros povos exemplos que venham em abono' desta verdade. O povo portuguez, muito mais da aldeia que da cidade, fala a sua lingua com uma precisa correção grammatical. Isso, porque desde os primeiros ensinamentos, tem como luz, o portuguez falado com perfeição, quer quanto á collocação de pronomes, quer quanto á variedade de expressões.

Com conhecimento em causa propria, argumento: se hoje encontro alguma facilidade em minha maneira de expressar e se tenho dicção supportavel devo-o á actuação constante e aos sabios ensinamentos de meu pai, que exigia de nós, na conversação da mesa ou da sala, uma perfeita dicção. Deixaram-me, elle e minha mãe, muitos exemplos de honra e de trabalho, mas o aperfeiçoamento da pronunciação de sua lingua, foi exemplo de patriotismo.

O Dr. Sampaio Doria, em sua bella conferencia feita na Liga Nacionalista, que intitolou—Da formação civica da mocidade,—reduziu a dez os deveres do cidadão; dentre esses preceitos de moral e civismo, salientou o de «falar bem a sua lingua». Disse elle:—«E' o nono dever do cidadão falar bem a sua lingua. Falar com desprezo o proprio idioma, maculal-o de estrangeirismos inuteis, por mais peregrinos, deturpal-os de solecismos e asperezas é, nada mais nada menos, uma vergonha. Não se exigirá de todos saber a lingua com primor, escrevel-a em es-



tylo estrellado de louçanias. Seja isto uma prerogativa dos profissionaes da palavra.

Mas falemol-a ao menos, na pureza das suas tradições elegantes, sem fugir á necessidade das suas aquisições legaes.

Causa verdadeira piedade o desprezo ao proprio idioma, ostentado por certos patricios nossos, que, por terem estado alguns mezes em Paris, ou Londres, de lá voltam esquecidos de falar o portuguez e, no sotaque e nos solecismos, parecem immigrants incapazes de assimillação.

Desprezemos esses malucos, e façamos timbre em falar bem a nossa lingua.»

Aconselho a começarmos no lar essa campanha patriotica de bem falarmos a nossa lingua. O papel das mãis, cooperando com os professores, para que seus filhos articulem bem, será não sómente util, mas muito mais proveitoso, pois é com ellas que as creanças mais convivem e de que recebem os primeiros ensinamentos. Devem, o ensino e o exemplo começar no lar, mas se não forem continuados nas escolas, nada conseguiremos. E' na escola que o raciocinio e o entendimento do alumno a mais se esclarecem já com a idade, já com os conhecimentos ahi adquiridos. E' nella, portanto, que esse trabalho deve ser mais intenso.

Porque não fazer *calliphasia* nas escolas normaes? Se ao professor, é a palavra instrumento do seu officio, deve ser ella cuidada e aperfeiçoada com o maior carinho. Não será perfeito o alumno



que não tiver perfeito professor. Mas como instruir alumnos sem preparar professores? Não é possível estabelecer um methodo uniforme para o aperfeiçoamento da lingua. Todos nós devemos ter presente que cada alumno é um caso differente, e como tal, requer differente ensinamento.

Não encontramos em todas as pessoas os mesmos defeitos e os mesmos vicios de linguagem. Se esses vicios e esses defeitos variam, é mistér variar tambem a correccão. Da attenção do professor depende o maior ou menor aproveitamento do alumno.

Existem falhas profundas na organização do ensino no Brasil, mas a maior, a mais imperdoavel, é não cuidarmos da pronunciaçãõ correctã da bella, melodiosa e empolgante lingua portugueza. Louvamos um alumno que lê correntemente um trecho de prosa ou verso, e não cuidamos de observar se esse mesmo alumno o sabe lêr correctamente, articularmente. Quando, nas escolas, o rigor das notas fôr maior para a pronuncia, havendo mesmo uma nota especial para esse caso, maior será o esforço de cada alumno, e dentro em pouco veremos falado o nosso idioma correctamente, com articulaçãõ impeccavel.

Para vermos realizado esse sonho, precisamos dar grande expansãõ á calliphasia. Se em todas as escolas for estabelecido um premio para o alumno que, em leitura oral ou declamaçãõ, melhor pronunciar a sua lingua, veremos amanhã 30, 60, 100, 500 creanças empregando o melhor de seu esforço para



aperfeiçoar a sua pronúncia, e assim sendo, 500 crianças concorrendo indirectamente para o engrandecimento de sua Pátria. Se o Brasil é um e se os nossos esforços visam torná-lo grande, porque não tratar do aperfeiçoamento desta língua tão maltratada por nós? Olavo Bilac, em 1909, lendo aos estudantes de Juiz de Fora, uma conferência sobre a instrução e o patriotismo, disse o seguinte:

«Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, a sua existência autónoma, quando começa a perder o amor do idioma natal. Ora, sabeis que o Brasil depende da importação de homens estranhos ao paiz, que venham amal-o e servil-o. Todas as sobras, toda a plethora da população da Europa, todos os homens sem trabalho e sem ventura, que se acogulam ao âmbito escasso do velho mundo, podem achar aqui espaço e felicidade. Mas cada uma dessas levas de imigrantes traz consigo, como se trouxesse os seus penates, os seus deuses lares, porque traz com ella os versos dos seus poetas, as suas expressões de carinho ou de ira, a letra das suas canções populares, o seu folklore, que é o repositório do seu lyrismo e da sua saudade, e o amor do céu, da terra, das aguas, da família, da religião, da historia. . . Assim os idiomas estranhos tendem a fixar-se, a desenvolver-se, a prosperar no seio da nossa terra. Que será do nosso idioma, se o não protegermos na lucta desigual? Para salvar da morte a nativa linguagem portugueza, que transportada para o novo mundo ganhou novo esplendor e suavidade



nova, não basta que os artistas da palavra continuem a tratá-la e a aprimorá-la».

Para que essa nativa linguagem portugueza não sossobre no turbilhão do tempo, espezinhada e subjugada pelos idiomas de outros povos, cumpre ampará-la e protegê-la, ensinando aos pequeninos brasileiros de hoje, que serão os homens de amanhã, a fallar a sua lingua com a correção que ella na sua sublime doçura requer.

Trabalhemos pela pureza da lingua portugueza, que Bilac tão esplendidamente cantou :

Ultima flor do Lacio, inculta e bella,  
E's a um tempo esplendor e sepultura.  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A biuta mina entre cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lyra singela,  
Que tens o tom e o silvo da procella,  
E o arrulo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste, e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: —«meu filho»  
E em que Camões chorou, no exilio amargo,  
O genio sem ventura e o amor sem brilho!

S. Paulo, 4 de Novembro de 1924.



# PSYCHOLOGIA E EDUCAÇÃO

## II

### CONDUCTA DA CRENÇA

*Isaias Alves*

No artigo anterior, vimos como são uteis ao professor primario os estudos da Psychologia Pedagogica. Não a psychologia feita, que se decora, mas a que se faz na experiencia diaria, naturalmente guiado por um auctor ou um mestre. E' bem de ver que o professor não transformará incontinenti sua capacidade pedagogica por fazer algumas dezenas de observações mas estas influirão para formar novos habitos, crear novos planos, encarar differentemente a vida escolar e as crenças.

A parte da psychologia que melhor concorrerá para esta reeducação do mestre escolar é, de accordo com ás ideias ja vistas, o estudo da *conducta* da crença, isto é, o conjuncto ou sequencia de reacções mais ou menos inconscientes que enchem toda a vida infantil, creando para os adultos normaes e superiores um mundo que elles não comprehendem, por se terem já esquecido.



*máticos*, pelos *actos reflexos*, pelas *reacções instinctivas*.

Os primeiros, que dominam toda nossa vida vegetativa, governam a digestão, a respiração, as secreções, a circulação e influem decisivamente em toda a economia *physica* e *psychica*, embora não se manifestem em reacções a estímulos exteriores. Tem um alto valor pedagógico, porque as funções superiores da intelligencia soffrem completa perturbação, se os *actos automaticos* occorrem irregulamente, em virtude do esquecimento das leis de hygiene.

O valor pedagógico está na justificação dos collapsos de muitos meninos estudiosos que nos dias em que dão raras lições inferiores, recebem de alguns professores «correctos» notas más, *afim de não terem descahidas e se manterem sempre caprichosos*. Muitos meninos tem perdido o estímulo porque após noites de digestão perturbada, em vez de terem os conselhos hygienicos, recebem acrimoniosas censuras pelas lições inferiores. Muitos meninos permanentemente constipados são *incorrigiveis* de procedimento, que melhoraria immediatamente após alguns dias de methodicos exercicios gymnasticos interessando a região abdominal, acompanhados de mudança de alimentação e medicina apropriada.

E não esqueçamos que, ha um seculo atraz, Voltaire, quando visitava um principe, inquiria do seu aio se aquelle já cumprira os deveres derradeiros da função digestiva.

Aqui se encontram a Psychologia e a Hygiene,



dando-se as mãos para o nosso grande trabalho de Eugenia: reeducação do organismo dos meninos, victimas do desconhecimento da influencia dos secretos actos automaticos do organismo sobre a vida intellectual e moral dos meninos.

Os actos reflexos distinguem-se dos automaticos por serem geralmente reacções a estímulos exteriores, mas têm a mesma simplicidade e a sua influencia é geralmente protectora do funcionamento equilibrado do organismo. Assim o bater dos olhos, sob a influencia de poeiras ou luz defeituosa, o tossir, o espirrar, são reacções de defesa do órgão estimulado pelo ambiente.

Sendo igualmente alheios á vontade, independentes da attenção, constituem indice de estudo das creanças, que reagem variavelmente conforme a maior ou menor vibratilidade do seu systema nervoso.

Constituem, porem, o maior volume de actos da vida psychica da creança as *reacções instinctivas*, que participam da natureza automatica e reflexa e apresentam caracteristicos notaveis da vida consciente ou intelligente.

Não nos importa definir o instincto, nem lhe explorar as origens, nem lhe indicar a teleologia. O Instincto é uma propensão mais ou menos innata dos seres, manifestando-se de modo mais ou menos uniforme, em epochas mais ou menos equivalentes e sob a influencia de estímulos approximadamente os mesmos. Por isso, caracteriza o instincto o não ser



dependente da experiencia individual, alem de acompanhar-se de emoção.

É justamente a emoção que desperta a consciencia e dá aos actos instinctivos o que quer que seja de intelligencia, que os faz confundir por vezes com os actos illuminados pela attenção voluntaria.

É tambem essa emoção, companheira do acto instinctivo, a base pedagogica da escola nova, onde não é licito impor a espiritos ainda não preparados para recebê-lo, o conhecimento elaborado pelo mestre, que por vezes consegue apenas deformar a idéa vehiculada, quando não indispor definitivamente o alumno com a materia ensinada.

É evidente, pois, a importancia do estudo das reacções instinctivas que formam a quasi totalidade a vida psychica do menino.

É ao conjuncto dos actos instinctivos que se chama *conducta* (behavior), e a quasi fatalidade, que os acompanha, torna a conducta humana, como a animal e a vegetal, uma trama de reacções a que não é dado impunemente oppor resistencia.

De facto, a repressão violenta de um instincto crêa estados da alma doentios, pela predominancia de complexos que centralizam pensamentos parasitas em torno do nucleo do instincto contrariado.

Ahi está um dos grandes problemas pedagogicos, se a escola não desejar continuar a ser um deformador do character e da intelligencia.

A fatalidade do instincto offerece exemplos admiraveis entre animaes como entre homens. Nestes,



a saudade da terra natal produz invencível attracção, que apenas os progressos da idéa cosmopolita vão lentamente neutralizando. Entre os animaes existem notaveis exemplos de attracção, do *habitat* primitivo, tal é o de salmão do rio Columbia. Durante o anno, vivem estes peixes perto da embocadura do rio. Na epocha da desova, talvez para evitar que os futuros peixinhos sejam devorados pelos peixes oceanicos, os salmões emigram para as cabeceiras do Columbia. Estas ficam separadas da embocadura por cachoeiras, contra as quaes investem os salmões em saltos desesperados. Milhares de emigrantes morrem de encontro aos rochedos, ccalhando a parte baixa do rio; os que vencem porem garantem, obedecendo á força mysteriosa de um instincto, a permanencia da especie.

Não ha alguma coisa de semelhante na furiosa investida das nações que ensopam o solo para perpetuar a raça, creando o orgulho da tradição com os actos de crueza que constituem a guerra?

Aqui é opportuno lembrar que a fatalidade de instincto é um tanto mais fraca entre os homens que entre os demais seres. Isso é um talvez por influencia da vida intellectual consciente, que vae dando outra direcção atravez das idades á energia motora dos primitivos instinctos.

E' mais uma applicação pedagogica da Psychologia, pois que hayendo bastante probabilidade que o desenvolvimento individual da creança ao homem segue degrãos correlatos aos do crescimento mental da especie, é de todo em todo prejudicial a repressão



violenta dos instinctos infantis ou a imposição inoportuna de regras educativas que não correspondem ás aspirações instinctivas do ser em crescimento.

Isto significa que não devemos antecipar a educação e faz explicar o principio de Ronsseau que em educação ganhar tempo é perder tempo. Tambem elucida o principio Montessoriano, onde é grave falta do mestre antecipar-se á iniciativa do menino, o que por vezes atraza por semanas e meses uma aquisição voluntaria que se faria dentro de poucos dias.

Donde se conclue que o mestre, conhecendo os instinctos da creança, e servindo-se delles como allia-dos, canaliza forças naturaes e pratica obra verdadeiramente humana, pelos meios que veremos depois.

E quaes os instinctos que mais interessam á educação?

Algun, acaso, poderá ser alheio á formação da futura individualidade? De certo nenhum: uns se avigoram, outros se transformam ou se substituem, mas todos entram em acção.

A primeira forma de vida da creança é o movimento desordenado e depois methodizado que nenhum adulto poderia acompanhar: é a *tendencia innata á actividade physica*. Toda creança sadia é bulhosa, inquieta, na opinião dos que a cercam, sem comprehendel-a e sem lhe fornecer elementos materiaes com que methodize por si mesma os movimentos impulsivos. Estes, desde o nascimento, e até antes, indicam as qualidades activas da creança e sua ca-



pacidade de se por em comunicação com o ambiente e de dominal-o. De facto as creanças muito quietas e lentas denunciam vida digestiva prejudicada ou outras condições negativas da saúde, com infecções hereditarias.

E' a *tendencia innata á actividade physica* a causa de todas as aquisições scientificas do pequenino ser. Ella procede ou é a forma mais desordenada do segundo instiucto, a *curiosidade*. Sem a actividade physica, o conhecimento da creança é totalmente falho: só permanece no reservatorio da memoria o que ella fez, manobrou, manipulou, conhecendo com as mãos antes de conhecer com o 'cerebro, justificando a affirmativa de que a «educação vem pelos musculos».

O primeiro passo do educador psychologo é, pois, permitir a manifestação da tendencia innata á actividade physica, não roubando á creança oportunidade alguma de exercitar suas reacções motoras que são essenciaes á educação.

Para realizar esse trabalho o educador evitará impor limitadas actividades ou brinquedos á creança, que rapidamente cançará, pela incompleta satisfacção do instiucto ou, por outras palavras, pelo encurtamento do periodo de auto-adaptação.

Deante destes pensamentos, os adultos poderão mais rasoavelmente tolerar, por lhe comprehender a imperiosidade, a vida desordenada e tumultuosa das creanças, que nada mais é que a reproducção da in-



fancia da especie, transcorrida no cahos social de luctas com semelhantes ou com animaes ferozes.

Esta mesma *tendencia instinctiva á actividade physica* explica o prazer da creança e do menino que aprende trabalhando, desarrumando, arrumando, riscando, construindo e modelando, emfim praticando os multiplos actos da escola moderna ou activa.

O segundo instincto ou o segundo degráo do *instincto geral* é a *curiosidade*, que pode ser dirigida aos objectos particularmente ou aos logares proximos ou distantes, tomando a formæ *migratoria*, que os allemães chamam *Wanderlust* ou seja prazer de vagamundear.

Sabemos que a maioria dos grandes homens de espirito viajaram ou conheceram pelos livros as regiões mais longinquas.

Alguns, como Kant, ficando na cidade natal, subiram ás mais transcendentés cogitações philosophicas; a maior parte, porem, dos constructores da sciencia fizeram longas viagens, vencendo immensas difficuldades.

Tambem a creança e o menino sentem necessidade de mudança de ambiente, para novas apresentações objectivas e novas fixações de conhecimento.

A curiosidade é a base pedagogica mais segura da formação cultural da creança e ella se traduz em multiplas formas desde o desparafusar dos brinquedos que foram ha pouco o embevecimento, até o colleccionar de sellos de todas as partes do mundo, cartões postaes, pedras, conchas, bonecas, ligando-se



nestas manifestações com outro instinto fundamental:  
o da *propriedade*

Deixando para estudo posterior outras formas instintivas além da *migratoria* e da *acquisitiva*, insistamos na *curiosidade* como base pedagógica. Ella é a *conditio sine qua* do ensino e seguil-a, incentival-a, satisfazel-a é o precipuo dever dos paes e dos mestres.

Realmente a falta de curiosidade nas creanças e nos meninos é signal de debilidade mental, quando não seja resultado de repressão violenta deste instinto pela defeituosa disciplina do lar ou da escola. Por dois modos pode a escola ou o lar enfraquecer a curiosidade: ensinando demais (doutrinando, dogmatizando) ou negando respostas claras ás perguntas, transformando quasi a curiosidade num vicio impertinente.

O primeiro meio de amortecimento da curiosidade é obrigar os meninos a lições decoradas, que lhes não dão tempo á breve meditação com que descobririam as difficuldades de comprehensão do assumpto estudado.

Ainda mesmo que as lições sejam explicadas pelo professor, ellas prejudicam e enfraquecem a curiosidade se disserem tudo, se não derem oportunidade a constantes perguntas dos alumnos, se não levarem em conta a variedade de formas mentaes dos meninos.

Estes, de facto, encaram os mesmos assumptos



por prismas diversos, no que apenas denunciam a futura divergencia de actividades na idade adulta.

Alem disso, este instincto varia de objectivo com a idade, o sexo e as influencias do ambiente, de modo que muitas perguntas que produzem a hilaridade dos collegas, e, ás vezes, a irritação do professor, são resultado da curiosidade no gráo de crescimento mental, em que se acha o alumno.

Dahi decorre que todo mestre digno deste nome deve conhecer, por estudo e por observação pessoal, as varias manifestações deste instincto, evitando ridicularizar os trabalhos grosseiros e recebendo com absoluta benevolencia as mais desencontradas consultas.

Ao contrario, deve incentivar a curiosidade, fazendo com que os meninos não somente vejam, mas tambem apalpem, apreendam, manipulem os objectos materiaes que devem ser a base de todas as lições, até daquellas que parecem ser apenas verbaes.

Assim na descrição de uma fazenda, na narração de um acontecimento não bastarão as palavras: será indispensavel acompanhá-las de um desenho, ou de uma construcção em madeira, em massa, ou papelão, por mais grosseira e menos artistica que seja.

Ha todavia professores e paes que despresam as tentativas constructoras dos meninos e lhes negam lapis e papel, para os garatujos que tanta influencia terão na sua vida futura e é tão commum ouvir de homens formados e altamente collocados *que o desenho é uma disciplina inutil* do curso seriado!...



Agora nos cumpre esperar sobretudo das mestras a carinhosa observação dos meninos, nas manifestações dos dois instinctos perfunctoriamente estudados. Outros não menos importantes se estudarão posteriormente, mas estes são fundamentaes.

Em seu trabalho de observação as professoras serão guiadas pela viva noção de que a curiosidade se manifesta diversamente nos varios periodos da vida escolar. Ao entrar na escola dos 6 aos 9 annos o menino interpreta o mundo através das suas proprias necessidades e de seus prazeres.

Dos 10 aos 12, elle pode mostrar interesse pelos assumptos concretos que interessam o ambiente e os seus semelhantes.

Dos 13 em diante os assumptos geraes abstractos, interessando a humanidade presente ou passada, vão despontando. Tudo isso de accordo com um desenvolvimento normal, porque ha individuos que nunca attingem o amadurecimento do segundo periodo e não são muitos os que alcançam o do terceiro.



## HISTORIA CONTEMPORANEA

*Archimedes Pereira Guimarães*

### II

Sob as arcadas tutelares da Academia de Direito de S. Paulo gerou-se a Liga Nacionalista, por volta de 1916, ao influxo das obras de Alberto Torres, da palavra de Olavo Bilac e da acção do inolvidavel Pedro Lessa.

Numeroso grupo de academicos, irmanados pelos mesmos sentimentos altruistas, constituiu-se, por uma serie de circumstancias fortuitas, num centro coordenador das energias e orientações mais divergentes.

Apoiavam esses moços, francamente, mestres consumados do Direito e de Civismo e a elles entregou-se, com todo o peso da sua austeridade e do seu valor intellectual, a veneranda figura de Frederico Vergueiro Steidel.

Não surgiu a extincta aggremação, inopinadamente, ao sabor de entusiasmo de momento.

Não nasceu a Liga Nacionalista para viver a vida ingloria da quasi totalidade das suas congeneres passadas ou presentes.



Norteava aquella juventude sadia um altissimo Ideal e dahi as delongas da phalange iniciadora da Liga, em lançal-a de publico, para que longos mezes cautelosamente se ponderassem todos os movimentos, que deveriam acreditar, de partida, as campanhas projectadas.

Desconfiados de um fracasso, não quizeram, de prompto, os estudantes de engenharia e de medicina e os seus mestres adherir a tão nobre iniciativa. Momento favoravel, porém, appareceu ao tomarem posse, em fins daquelle anno, os novos Presidentes das duas prestigiosas sociedades, o «Gremio Polytechnico» e o «Centro Academico Oswaldo Cruz».

Conscientes de que trilhavamos caminhos seguro, acompanhavam-nos respeitaveis lentes das duas Faculdades superiores estaduaes, entre os quaes citarei, sem receio de contestação, o actual e eminente Director da Escola Polytechnica de S. Paulo, e, assim em principios de 1917, a Liga Nacionalista era uma realidade promissora. Fazia-lhe a propaganda, espontanea e galhardamente, «O Estado de S. Paulo», que sempre se collocou ao nosso lado para a defeza de todos os nossos gestos.

Que beneficio deveria trazer para a collectividade mais uma aggremação de professores e seus discipulos, coadjuvados por todos os brasileiros de bôa vontade?

\* \* \*

A Liga Nacionalista intentava tão somente prestigiar ou promover quaesquer campanhas desinteres-



seiras em prol da Patria, exercendo — ao contrario da Liga de Defesa Nacional — a sua actividade junto das camadas mais populares e das gerações que vinham surgindo para a responsabilidade da direcção dos nossos destinos.

Tratava-se, por exemplo, de applaudir o desenvolvimento do escotismo, introduzido no paiz, poucos annos antes, por Mario Cardim e d. Jeronyma de Mesquita? Ahi estavamos nós, alevantando vontades perventura adormecidas ou destruindo indecisões.

Visava-se provocar a fundação de linhas de tiro, no interior do Estado, numa epoca em que o Congresso Nacional nos atirára em pleno conflicto universal? La se achava presente a vanguarda da Liga, batendo palmas aos patriotas.

Campeava o analphabetismo rudemente por ahi, nos lares daquelles que, de dia, as officinas roubavam ao contacto dos seus semelhantes ou daquellas pobres domesticas, que trabalhavam sob o calor do fogão e ignoravam a carta do a b c? Sem demora a Liga reunia os necessarios elementos moraes e materiaes e creava escolas nocturnas que passavam a illuminar os cerebros broncos desses obreiros desprotegidos.

Verificára-se uma greve, de effeitos perniciosos, entre os responsaveis pelo trafego urbano, de modo a paralyzar de subito a agitação commercial das ruas da cidade? Ahi se encontravam os estudantes a fazer de motoreiros e de cobradores e abridores de chaves, em pleno Triangulo Central!



O Governo Federal buscava uma declaração de apoio das classes mais representativas, para a sua politica exterior, exigindo-nos até mesmo o sacrificio de um embarque para os campos europeus de batalha? Ia ao seu encontro a Liga Nacionalista, promovendo o Congresso da Mocidade, a 15 de Novembro, em todo o Brasil, de maneira a assistirmos memoravel e inconfundivel spectaculo!

Microbios malignos infestavam o ar de nossas cidades, ceifando preciosos valores e a flôr da juventude brasileira e desorientando, pelo inopinado do seu apparecimento, toda a nossa organizaçãõ hospitalar? Sem esperar convite, offerencia a Liga Nacionalista todo o seu empenho em improvisar leitos de dor e enfermeiros e chauffeurs para o transporte das centenas de victimas da influenza maldita...

Os nossos costumes politicos descambavam para a indecencia e por toda a parte reinava a indifferença e a inercia na escolha dos nossos representantes? Elaborou a Liga Nacionalista um arrojado programma de combate a essa ruinosa anomalia da nossa collectividade pensante e iniciou a propaganda pelo voto secreto, baseada no exemplo argentino. E atravez conferencias de divulgaçãõ desse processo de eleiçãõ, larga publicidade sob todas as fórmãs, concurso de cartazes, etc. augmentou-se sensivelmente, no seio da populaçãõ, a convicçãõ de modificar para melhor a nossa lei eleitoral.

Adhesões inestimaveis obtive nesse particular a



Liga Nacionalista e um largo numero de crentes do novo credo politico se inscreveu nas suas fileiras.

Muitos outros movimentos, de character mais ephemero ou mais local, foram victoriosamente levados a cabo pelos vanguardeiros da sociedade, de modo a constituil-a no verdadeiro centro propulsor de todas as causas nobres que durante dez annos agitaram o meio brasileiro.

\* \* \*

Um dia, porém, em Julho de 1924, a cidade de S. Paulo despertou ao som da metralha!

O estado maior da Liga Nacionalista reune-se em plena refréga, em sessão memoravel e toda cheia de perigosas ciladas: é que se trata de assumir corajosamente uma attitude digna, que a sociedade paulista acatasse, como depositaria que era a Liga da sua confiança. E assim se fez: deliberou-se lançar um protesto publico contra a lucta fratricida e immediatamente fundar-se hospitaes de sangue que soccorressem a todos os feridos, sem distincção de côr politica.

Não poude, não quiz ou simplesmente não soube o Governo Bernardes comprehender o largo gesto de fraternidade que aquella impavida resolução significava e, de um golpe, um decreto federal, fundamentada numa lei elastica, fechou a séde da Liga, classificada assim como elemento perturbadora da ordem nacional...

Nunca mais se encontráram unidos todos os



sustentáculos da Liga Nacionalista. Dos seus membros proeminentes, uns falleceram, outros retiraram-se para o interior do Estado, outros— a maioria— pouco a pouco foram-se congregando, annos depois, em do da individualidade de Antonio Prado, formando a pleiade pujante de batalhadores que lançou o Partido Democratico na vida publica do paiz, na mais pura intensão patriotica de regenerar os nossos costumes politicos.

Bahia, Janeiro de 1930.



# A EDUCAÇÃO INFANTIL E O METHODO MONTESSORI

(Continuação)

Um dos grandes successos do methodo da Dr.<sup>a</sup> Montessori consiste em offerecer ao menino occasião para o livre desabrochar de suas aptidões, sem a intervenção pessoal da mestra; para isto, ella admitte um material de ensino abundante, que offerece ás crianças varias occupaões, que têm por fim o desenvolvimento methodico dos sentidos e a habilidade manual.

A criança se utilizando do material elabora por si mesma a sua educação e tal é a natureza desse material, que torna a intervenção da mestra inutil.

Nos outros methodos communs, a professora occupa o ponto principal, ella é a unica actividade livre na escola, de que os pequeninos recebem directamente as impressões de sua individualidade; a sua acção directa e immediata nos exercicios, suffoca a actividade dos seus pequenos discipulos; ella é quem ensina; a sua intervenção retarda o esforço da criança, emquanto que no systema Montessori, o menino é quem elabora a sua educação e o seu ensino; todo o



esforço do menino é o producto do seu trabalho pessoal.

Em uma escola sob o methodo Montessori, tudo é bello e risonho, os meninos correm, brincam e aprendem brincando; cada cousa está disposta de modo que elles possam se mover e agir com liberdade: mesas, armarios, cadeirinhas, material didactico de côres vivas e alegres, cada objecto adaptado á força e á estatura dos pequeninos e a mestra risonha e paciente; tudo em conjuncto, formando um ninho preparado com amor e intelligencia, para fazer a criança viver na alegria e na actividade, satisfazendo a sua curiosidade, elaborando a sua educação e aprendendo pela sua livre espontaneidade.

Para interessar os pequeninos e tornal-os felizes e satisfeitos, basta a mais pequena cousa: de pendurar uma peça do seu vestuario em um cabide, ao alcance de sua mãozinha, abrir uma porta, cujo ferrolho esteja ao seu alcance, mudar um objecto de um logar para outro; finalmente, collocal-os em um ambiente em que todas cousas estejam ao seu alcance e deixar-lhes em livre e espontanea actividade.

Diz a eminente pedagoga: «Em poucos mezes, meninos de tres a seis annos se familiarisam com os numeros e com as letras do alphabeto; seus sentidos se educam maravilhosamente e ao mesmo tempo seus instinctos se disciplinam, sua vontade e sua attenção se exercitam.»

Cumpré porém evitar substituir a criança no exercicio de sua actividade, tirando-lhe o trabalho,



o proveito e a satisfação do esforço próprio. E' preciso reflectir que a curiosidade infantil é infinita e que não se deve reprimil-a conforme a idade.

Vão longe os tempos em que se suppunha que a vida interior da criança, até aos seis annos era embrionaria; é ao contrario, desenvolvidissima; d'ahi a necessidade de promover os meios para o exercicio dessa curiosidade.

Discorrendo sobre principios em que se funda o seu methodo diz a notavel educadora: «Até agora na obra da educação infantil, tanto na vida physiologica, como na vida espiritual, temos deixado a natureza agir, auxiliando-a quando é preciso. Esse tem sido o criterio. E' um erro imperdoavel não nos preocuparmos com a vida. O menino não sabe exprimir suas impressões e sensações nem mesmo com o pranto, como faz com uma dor physica; isto porém não significa que impressões e sensações não existam para elle, ou se existem, sejam do modo e na intensidade que imaginamos, através de nós mesmos, segundo a idéa mais ou menos arbitraria que temos feito d'alma infantil. Não ha como se deixar livre est'alma e segui-la pacientemente nas suas manifestações.

O gráo sensitivo de um menino não varia conforme a idade. Geralmente se cré que um menino de seis annos pode apprender mais facilmente uma cousa, do que um menino de quatro. Pois bem, não é assim.

E' verdade que ha alguma cousa que o menino



de seis annos aprende mais facilmente, mas ha outras que o de quatro aprenderá primeiro. Por exemplo: escrever conforme o meu methodo, submittendo ao tacto do menino a letra especial do alphabeto do meu material didactico, um menino de tres annos aprende mais facilmente, do que um de seis ou mais annos. A idade em que se toca tudo e inconscientemente se quer saber o porque de tudo e instinctivamente com o dêdo ou com o lapis, se procura reproduzir aquillo que tem ferido o nosso tacto, é a primeira idade escolar e não a segunda.

O interessante é prover o menino de material scientifico determinado.»

O material didactico deste systema tem por fim especial exercer a auto-educação, e a cultura do poder motor da vontade é tambem objecto do methodo que dispõe de varios exercicios ou *jogos de inibição*.

Entregue a si propria nos exercicios, a criança manifesta energia e uma perseverança extraordinaria nas suas acções e, confiante em si mesma, ella se considera segura do successo que vai obter e d'ahi o enfraquecimento e o desanimo que lhe causa a intervenção exterior de quem quer que venha em seu auxilio na menor difficuldade, substituindo-lhe assim, o prazer de resolver, de vencer, de descobrir o que ella sonhava realizar.

Deixar a criança entregue a si propria no exercicio espontaneo de sua actividade não quer dizer que é deixal-a ao abandono; pelo contrario, cumpre



á professora observar as crianças, apontando-lhes muitas vezes os exercicios, com o material que (conforme as suas observações) ella julgar mais compativel com o gráo do desenvolvimento infantil, sem comtudo constrangel-as, intervindo, porém, indirectamente, só com o fim de pôl-as em caminho da sua auto-educação. A mestra observa e acompanha os pequeninos em todos os seus actos e acções, com o seu espirito e com a sua attenção, indicando-lhes, quando é preciso, o fim a seguir e lhes apontando o meio de evitar demasiado esforço, para obter o fim desejado.

Por este systema, a criança se deixa absorver do interesse do trabalho, que tem livre e espontaneamente escolhido, e o silencio em que ella se isola influe poderosamente sobre o desenvolvimento de sua intelligencia.

---



## O ESPIRITO TRADICIONAL E A EDUCAÇÃO DO POVO

Conferencia do Deputado Pedro  
Calmon, sob os auspícios da A. B. E.,  
no Gabinete Portuguez de Leitura.

Senhoras e senhores.

No seu livro prophético, o padre Antonio Vieira, muito nosso, dizia: «Com razão, chamaram os sabios á historia a mestra da vida, por se encontrarem nella continuos documentos para o Governo e bem commum do genero humano, e para o particular de cada homem». (*Historia do Futuro*) IV, 23.) «Magister vitæ», sim, mas de nações e individuos; escola de povos e de pessoas; de uns, experiencia, de outros, conselho e educação, que a velhice do mundo—monarchias, idéas, raças — é assim comparavel á do homem, a quem a idade enche de sabedoria e prudencia.

«Interragate de sinitis antiquis», advertia Jeremias (VI, 16). Lêde na Historia dos imperios como num vasto livro aberto; recolhei a sua lição gloriosa ou amarga como as lagrimas; ponderai-lhe esplendor e decadencia, e pasmai, humanidade, mandavam Bossuet e Fenelon, ante o zelo e a colera do Senhor



Deus, arbitro dos tempos, minucioso architecto do universo.—O pensamento theologico da historia, na pre-scientifica ou lyrica dos seus estudos, compoz-lhe o poema do louvôr eterno. A intuição do exemplo, a noção de cousa e effeito, a suggestão do parallelismo, a emoção educativa, o principio racionalista diluido no bucal commentario grego ao latino, fazem suppor a sciencia que se esboça, num methodo bosquejado, num regramento espontaneo, numa objectivação affirmada. Porque a Providencia, porém, organiza ao seu alvedrio as nações, porque em um minuto desarrumam os céos a paciente arrumação dos seculos, porque os governos representam seria ou comicamente, a comedia que em sorte lhes coube nesse palco triste das épocas, a *lei* historica era simplesmente a *lei* de Deus. Deste modo a verdade não se offerecia, na nudez impura, á pesquisa technica; escusavam-se de procural-a os que de preferencia a seguiam na pauta dos livros sagrados como numa estrada real, e o desprezo da realidade aviltou a chronica, inventando os substitutivos intellectuaes della que permeiam e atulham os serodios retrospectos barbaros.

E' singular, entretanto, a obstinação dos homens de espirito, nessas mesmas eras obscuras, pelo papel instructivo das tradições, pelo religioso respeito dos relatos antigos, pela veneração do exemplo velho, a que ligavam virtudes exquisitas. O politico sagaz torna-se, por seu turno, historiador. Abraça-se o poeta á chronologia como a uma lyra de magica sonorida-



de. Perfilha o sacerdote a Historia, como á escriptura divina, e até se levantam templos á majestade e ao profundo mysterio desses livros raros.

E' verdade que tambem os poemas eram consultados nos templos, taes os de Virgilio, «sortae Virgilianae»: nem só pelo paganismo deslumbrado co seu verso, sinão pelos proprios doutores da Igreja, que discerniam na 4.<sup>a</sup> Ecloga a prophesia do christianismo. Dante clamára: «Per te poeta fui, per te chistiano.»

Com semelhante razão ajuizava Emerson: «A melhor historia é a poesia». Vae nisso, bem se vê, aquella sentença de Anatole France—que os livros são infinitamente menos preciosos pelo que contém, do que pelo que lhes accrescenta quem os lê. Canon e glosa, entretanto, texto e commento, estancia e apostilla da poesia classica, souberam resumir o conhecimento do homem, o pensamento nacional, a idéa livre, em o sonho social, que marcaram rumos á evolução politica. O phenomeno da poesia, como pamphleto, da estrophe como vertrete e da ode como critica, de factos presentes e acontecimentos detestaveis, é antigo como os poetas. E prolongou-se como a poetica. Caracteriza a reacção espiritual romana—e a formação da consciencia popular portugêsa. Encarta-se nas tradições do Brasil e, até ha pouco, impressionava a nossa historia politica. E' commum aos povos e ás eras, e, por toda a parte onde flammejou a emoção litteraria, sensibiliza e empolga.

A liberdade do estro, de algum modo analogo



á liberdade do theatro de Publius Syrus, Lucius Afranius e Caio Liberio, discipulos de Aristophanes — precedeu, longinqua e immediatamente, á liberdade definitiva da Historia, apanagio final do genio humano. Mais que de sentimento harmonioso e palavras musicaes se compunha aquella forte poesia: tambem de pensamentos se enriquecia, como deveram ser os discursos, na definição de Cicero (De Oratore, III, 5). Respiravam a intellectualidade fecunda e sizuda, que, entre Virgilio e Camões, fez pensar a toda gente que o poema nacional era igualmente uma encyclopedia das sciencias coetaneas. Pois não dizia ainda Fenelon que só é digno de ser ouvido o que pensa? Originalmente ou não, que de originalidade não se cogita, nem aos imitadores se pede conta, nem aos plagia-rios persegue a férula da critica, quando ha a oppor-tunidade, a convicção, a energia correctiva ou o ef-feito pessoal simplesmente. Não importa que o autor da Eneida barbodeteie sobre Homero e Theocrito; que Ovidio copie a Tibullo; que decalque Sallustio a Quin-tilliano e Thucidides; nem que se leia Esopo e Les-sing através de La-Fontaine, Lucrecio por Molière, Luiz de Camões por Diogo Bernardes... A alma tra-dicional encontrou na poesia o refugio precioso; a dignidade popular achou-lhe um éco insistente; o espirito colectivo viu ahi o pretorio alto, onde até aos Cesares julgariam as plébes; e os Cesares tambem, aturdidos, saudaram nella a palavra, a inspiração, o Verbo, irreductiveis ao poder e a força. Então, as-soldaram uma poesia, como subvencionavam uma



religião, uma Historia e uma sciencia. Para ser senhor de Roma Augusto aconselhou-se com Virgilio.

«In omnio negotio magis movent exempla, quam verba» — ensina S. Thomaz, e ensinavam dous outros sabios santos, Jeronymo e Gregorio. E ensinaram, parece-nos, a reis e a poetas, porque essa poesia se tornou objectiva e a realza, conservadoramente, espelho do passado.

E porque se afastaram os governos da contemplação d'elle, rendido aos desvarios do poder illimitado e sem contraste; e porque deixaram os poetas de cantar, como Ariosto, «la gran botá dei cavalieri antiche...» — uns e outros, desacreditados, se perderam.

Foi nas crises tragicas de desastre politico, que as conclusões da experiencia se transformaram em predicções do espirito, e a chronica se complicou com a prophacia, e á do passado, desattendida, se mina historia do futuro, cerebrina, e porque se não via nos acontecimentos decorridos, quiz-se vêr nos que haveriam de vir, entretido o homem com a linguagem imperiosa dos astros, as combinações extranhas de presagios, a explicação difficil da vida e da morte. «Não vêm o que trazem ante os pés, e querem saber o que sobre as estrellas» — dizia zombeteiramente um quinhentista, frei Arpador Arraes, nos «Dialogos». Realisou o Apocalypse, afinal um assombroso poema christão, a alliança entre a historia — poesia descriptiva, e a prophetica, israelita, popular, de que se tornou o melhor padrão para as rivaescencias



mysticas ou espúrias que, em Portugal, deixaram o traço fúndido de S. frei Gil e do Bandarra.

Não era demais, effectivamente, que a inquietação espirital se ativesse ás formulas de *kabala*, ao envez de postulados scientificos, num periodo de escasso experimentalismo e perfeita submissão aos conceitos moraes. Só os humoristas do Renascimento occidental, lograram entender a razão dos grandes malogros sociaes, o espirito do idioma, que dá á consciencia collectiva a propria direcção, o amor da archeologia, que lhes permitisse restaurar os quadros fragmentarios da antiguidade resplandecente de belleza intellectual, e a seducção da literatura classica que offerecia, á explicação dos phenomenos economicos e politicos, os dados maravilhosos de uma sabedoria millenaria. Repetiu-se o deslumbramento, antes de frio exame, igual ao do navegante que primeiro saudava a festa dos astros e depois lhe perquiria o hemispherio.

Houve de succumbir Petrarca sobre os codices latinos, antes de Pasquier e Bodin, Machiavello e Guichardini transportarem para a intensidade da vida européa, contemporanea da America e da Reforma, a methodologia, a esthetica, a reflexão, a medida que distinguiram as letras politicas greco-romanas. Vico, inaugurando a philosophia da Historia, preconisa a irreverencia cultural, social, politica, do seculo XVIII. Mas a Descartes, que identificou na natureza as suas leis mathematicas, deve o espirito tradicionalista o largo apoio ás especulações instructivas, que



renovaram o prestígio da Historia na ultima phase dos governos absolutos e nos primordios do seculo XIX. O calculo das probalidades, ensaiadas por Blaise Pascal, e o empirismo, imposto por John Locke, completam o ambiente propicio á analyse e á meditação, ao objectivismo e á aferição das leis, de Montesquieu ou Rayval, de Voltaire ou Herder. Restava, sim, projectar Plutarcho sobre a nova mentalidade, como nas festas de Florença, se revivia e coroava Platão: manejar o velho montante, ferrugento e abandonado outr'ora sobre uma sepultura como arma dextra e florida; crear, desses antigos heroismes, desses discretos apostolados, desses grandes actores que no scenario politico representaram um papel magnifico—uma sombra de impressão saudavel; embelezar nos ares frescos da patria os nomes de guerreiros que escarrem a theoria solenne no céu japonês, e afim de que á imagem dos semi-deuses se façam ainda Nuvens, que participem das suas qualidades de excellente virtude. A educação civica. A educação nacional. Do character—collectivo e individual. Do povo, pelo acrysolamento do patriotismo, germe da dignidade e essencia dos deveres.

Ha — de tambem, a Historia ensinar a ensinar. Como isto será, está a ver-se.

Em primeiro logar, ensina a Historia ao Brasil que a trajectoria da civilisação, constantemente para o occidente, lhe assegura, depois do seu amanhecer fecundo, um largo dia glorioso. O sol da fortuna, que se elevou no horizonte altaico doirando os "paneirs"